



ANO 5 - NÚMERO 60 - OUTUBRO 2019

Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 15

CACIQUE RAONI

DEFENSOR DA AMAZÔNIA
E DOS POVOS DA FLORESTA

p. 08

ECOLOGIA

Cerrado: ideias para
uma história

p. 16

CONSCIÊNCIA NEGRA

Quantas Ágathas mais vão
precisar morrer?

p. 18

SAGRADO INDÍGENA

Urihi-A: a terra-floresta
dos Yanomami

p. 42

BRASIL EM DEFESA DOS BANCOS PÚBLICOS

CONHEÇA A FORÇA DOS BANCOS PÚBLICOS
EM SEU ESTADO



Os bancos públicos são essenciais para o desenvolvimento do Brasil. São eles que implementam as principais políticas públicas, com crédito e infraestrutura, e contribuem para a urbanização, agricultura e industrialização do país.



Instituições como Caixa, Banco do Brasil, BNDES, Banco Amazônia (Basa) e Banco do Nordeste (BNB), além de uma dezena de bancos estaduais comerciais e de desenvolvimento, representam quase metade do setor financeiro e são vitais para o enfrentamento das desigualdades sociais e regionais.



Difícil encontrar um cidadão que não tenha alguma relação com esses bancos, seja por causa do PIS, FGTS, casa própria, poupança, loterias ou crédito facilitado.

CONHEÇA E VALORIZE SEU BANCO PÚBLICO





BRASIL junho / 2019



Número de agência públicas

46% - mais de 9 mil agências



Operações de crédito

46% - cerca de R\$ 1,4 trilhão



Crédito imobiliário

80% - R\$ 597 bilhões de financiamentos imobiliários



Crédito rural

72% - R\$ 180 bilhões em financiamentos

“ **Faz escuro, mas eu canto,
porque a manhã vai chegar.** ”

Thiago de Mello

COLABORADORES/AS - OUTUBRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Aydano André Mota – Jornalista. Bia de Lima – Professora. Clarice Lispector (*in memoriam*) – Escritora. Davi Kopenawa – Xamã Yanomami. Eduardo Pereira – Sociólogo. Emir Sader – Sociólogo. Iêda Leal – Professora. Iêda Vilas-Bôas – Escritora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Janaina Faustino – Gestora Ambiental. Leonardo Boff – Escritor. Lúcia Resende – Professora. Lúcio Flávio Pinto – Jornalista. Marcelo Abreu – Jornalista. Maria Aparecida Hamu Opa (*in memoriam*) – Professora. Maria Félix Fontele – Jornalista. Rafael Sette Câmara – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

- | | | | |
|----|-----------------------------------|-----|------------------------------------|
| 1. | Jaime Sautchuk – Jornalista | 7. | Emir Sader – Sociólogo |
| 2. | Zezé Weiss – Jornalista | 8. | Graça Fleury – Educadora |
| 3. | Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. | Jacy Afonso – Sindicalista |
| 4. | Ângela Mendes – Ambientalista | 10. | Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. | Antenor Pinheiro – Jornalista | 11. | Iêda Vilas-Bôas – Escritora |
| 6. | Elson Martins – Jornalista | 12. | Trajano Jardim – Jornalista |



EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

Raoni Metukpire, 89 anos, cacique do povo Kayapó, há décadas símbolo de resistência e luta dos povos originários do Brasil, andava quieto, cuidando de sua vida modesta e simples em sua aldeia xinguana na floresta amazônica.

Andava, porque os ameaçadores rumos dados à política ambiental brasileira pelo mandatário de turno fizeram com que Raoni voltasse a circular pelo mundo em defesa da Amazônia e dos povos que nela e dela vivem.

Ante a devastação do fogo e a ameaça iminente da mineração em terras indígenas, Raoni tomou destino, foi atrás de socorro. Em Paris, esteve com o presidente francês, Emmanuel Macron. Em Roma, conversou, de “chefe-pra-chefe”, com o Papa Francisco.

Os movimentos do cacique ancião, que não usa outra arma senão a capacidade de chamar a atenção do mundo para a doída realidade do meio ambiente em que vive seu povo, vêm incomodando, e muito, o presidente brasileiro. Em sua participação na Assembleia Geral da ONU, em 24 de setembro, a fala do Brasil poderia ter sido sobre os esforços para salvar a floresta Amazônica, mas não foi.

O holofote foi dado a Raoni, citado mais de uma vez no discurso do presidente que os indígenas chamam de “xauara” (pessoa que tem o pensamento adoecido). Como resultado, cresce no Brasil e no planeta a visibilidade e o respeito à luta de Raoni. Cresce também a campanha por Raoni Nobel da Paz em 2020.

É disso que trata a matéria de capa desta nossa Xapuri 60. Por meio da trajetória de Raoni, contamos um pouco da luta histórica dos povos indígenas e chamamos a atenção para as ameaças enfrentadas por todos os povos da floresta na presente conjuntura.

Mas não é só isso, nesta nossa edição de aniversário, tem também um guia-resumo sobre o filme Bacurau, muita informação sobre o Cerrado, um lindo perfil de La Pasionaria Dolores Ibárruri e mais, muito mais.

Boa Leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores





Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Parabéns, Xapuri, pelas 60 edições. Tenho todas, li todas, gosto de todas!
Jacy Afonso – Brasília – DF.

*Olha vocês aí, inventando sempre um novo jeito de caminhar!
Viva os cinco anos da Revista Xapuri!*
Júlia Feitoza Dias e Marcos Jorge Dias – Xapuri – Acre.

*Xapuri: 5 anos, 60 edições. Parece que foi ontem! Que tenhamos coragem,
parcerias e gente querendo nos ler pela próxima meia década!*
Zezé Weiss – Formosa – Goiás.



Xapuri Loja Solidária

Imagem do mês

@andrefalleiros

Marque suas melhores fotos do
Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri 60 OUT 19

SOCIOAMBIENTAL

- 08** **CAPA**
Cacique Raoni
Defensor da Amazônia
e dos povos da floresta
- 15** **BIODIVERSIDADE**
Parece coruja, mas não é:
o Bacurau
- 16** **ECOLOGIA**
Cerrado: ideias para uma história
- 18** **18 CONSCIÊNCIA NEGRA**
Quantas Ágathas mais vão precisar
morrer?
- 20** **CONJUNTURA**
A Vaza Jato derrotou a Lava Jato
- 24** **CULTURA**
Bacurau: um filme com a cara
do Brasil

Xapuri - Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

- 30** **GASTRONOMIA**
Acarajé: uma oferenda sagrada
- 34** **MITOS E LENDAS**
O mito da mandioca
- 36** **MEIO AMBIENTE**
O rei nu
- 38** **LITERATURA**
Imortal
- 40** **COMPORTAMENTO**
Para não "bobear"
- 41** **ECOTURISMO**
Serra da Saudade: a menor
cidade do Brasil
- 42** **SAGRADO INDÍGENA**
Urihi-A: a terra-floresta dos
Yanomami
- 46** **SUSTENTABILIDADE**
Amazônia: bem comum
da humanidade
- 48** **UNIVERSO FEMININO**
Dolores Ibárruri - *La Passionaria*

CACIQUE RAONI

DEFENSOR DA AMAZÔNIA E DOS POVOS DA FLORESTA

Jaime Sautchuk

Foto: Evaristo Sá / AFP



CURRÍCULO

Perto de 200 chefes de estados e de governos marcaram presença na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) deste ano de 2019. O discurso de abertura, que por tradição é de governante brasileiro, teve a Amazônia como seu tema central. Mas o atual presidente do Brasil resumiu a questão na figura do cacique Raoni Metuktire, da etnia Kayapó, personagem mundialmente conhecido como símbolo da luta em defesa da região amazônica e dos povos indígenas e extrativistas que nela e dela vivem.

De forma desastrada, o presidente xauara, “o que tem o pensamento doente” segundo outro líder indígena, o xamã Davi Kopenawa, do povo Yanomami, tentou pintar uma imagem negativa de Raoni, o que não colou, pois ficou clara sua intenção de politizar um tema de outra natureza, muito forte. “Muitas vezes, alguns desses líderes, como o cacique Raoni, são usados como peça de manobra por governos estrangeiros na sua guerra informacional para avançar seus interesses na Amazônia”, afirmou o mandatário brasileiro.

Dentre outros tiros, o governante-mor do país disse que Raoni não representa a totalidade da comunidade indígena uyye que ele “foi usado por países que têm interesse na Amazônia”. Reclamou também da mídia, por ter retratado sua fala na ONU como agressiva e até ridicularizado suas colocações, e foi além, dizendo que “a Amazônia está praticamente intocada” e negando que haja queimadas na região. Duas grandes inverdades, que ajudaram a desqualificar ainda mais suas observações sobre o líder indígena brasileiro.

Para desqualificar Raoni, o mandatário levou a público uma jovem indígena de origem xinguana, desconhecida como liderança por seu próprio povo Yawalapiti, que se auto-proclama uma verdadeira porta-voz dos povos indígenas do Brasil. Ela ficou sentada no auditório, como convidada, e ele leu uma carta que teria sido assinada por nativos de menos de um quarto das etnias brasileiras, na qual dizem apoiar a tal moça. Ela tem um perfil que se aproxima daquilo que o presidente define como ideal do indígena aculturado nos moldes da sociedade de consumo.

A trajetória de Raoni é, contudo, outra história, bem diferente. Seus primeiros contatos com esses seres humanos diferentes, formadores da chamada sociedade envolvente, ocorreram em 1954. E foram, por sua sorte, com os irmãos Orlando e Cláudio Villas-Boas, sertanistas que formaram equipe de mateiros com o marechal Cândido Rondon. Pessoas admiráveis, exemplares, respeitadoras dos povos originários.

Era o tempo das primeiras expedições de contato com os então desconhecidos grupos indígenas da região do rio Xingu, onde hoje existe o parque do mesmo nome, criado para a proteção das populações indígenas daquela região. Os Kayapó de Raoni eram um grupo nômade, habitante de larga extensão de solos, especialmente na região Centro-Oeste do país, em áreas de floresta amazônica e de Cerrado, como são as ocupadas pelo Parque do Xingu, criado em 1961, como parte dessa nova visão que se consolidava em torno do assunto.

Atuante, despachado, sempre com um botoque, que é uma peça redonda de madeira no lábio inferior, ele aprendeu a falar português e se fazia presente nos eventos e atividades que os sertanistas realizavam. E ganhavam destaque, de igual modo, outros adereços usados pelo cacique, em especial os cocares de penas muito coloridas (normalmente amarelas), mais os colares e os brincos de sementes, tradicionais no seu grupo étnico.

Hoje, aos 89 anos, Raoni evita falar em português nos contatos que faz fora da sua aldeia, embora mantenha a lucidez que sempre marcou suas falas. Justifica dizendo que as ideias e as palavras fluem com mais facilidade e clareza na sua língua original. Por isso, usa intérprete pra traduzir suas conversas pelo Brasil e pelo mundo.

Desta forma, ele tem enfrentado uma agenda movimentada, já que são muitas as demandas provocadas pelas citações de seu nome na Assembleia da ONU e depois. É bem verdade que ele nunca abandonou a trincheira na luta em defesa da Amazônia e das causas indígenas. Este ano, parecia prever o que estava por vir e conversou com o presidente da França, Emmanuel Macron, e o Papa Francisco sobre a questão que se apresentava como prioritária: a defesa da Amazônia.

Ele tem uma visão clara sobre isso. O fato de lideranças mundiais defenderem a preservação de nossas florestas não coloca em risco a soberania do Brasil na questão. Ao contrário, dão forte apoio a uma causa que extrapola as fronteiras

brasileiras, até porque a Amazônia ocupa parte dos territórios de nove países sul-americanos, exigindo ação compartilhada na sua preservação.

Raonideu muitas entrevistas a veículos do mundo inteiro nas últimas semanas, em que respondeu aos ataques feitos no discurso do presidente do Brasil na ONU. Numa dessas entrevistas, à jornalista Sônia Bridi, ele demonstrou sua visão:

Pergunta: *“Por que o senhor acha que o presidente disse isso a seu respeito?”*

Raoni: *“No meu pensamento, as pessoas que ajudaram ele são as mesmas que mexem com garimpo, que destroem a madeira, que ficaram falando de mim para ele ‘Bolsonaro, pensar isso’. É pelo incentivo dele, pela fala dele que as pessoas estão queimando as florestas. Fala pela destruição da natureza, pela diminuição do território indígena. Bolsonaro é mentiroso. Ele é doido. Acho que ele nunca conheceu minha luta.”*

Pergunta: *“Há poucas semanas o senhor disse que o índio está vivendo com medo.”*

Raoni: *“Deixa eu falar pra você, se continuar com as queimadas da floresta, o vento vai aumentar, o sol vai ficar muito quente, a Terra também. Todos nós, não só os indígenas. Todos nós vamos ficar sem respirar. Deixa só falar isso de novo: se destruir a floresta, todos nós vamos silenciar. Isso que dá medo.”*

Ele nos fez lembrar episódios marcantes, que revelam sua postura. No começo dos anos 1980, o confronto entre índios Kayapó e madeireiros foi violento. Onze invasores foram mortos de uma só vez a pauladas por indígenas. Na época, a polícia disse que os índios reagiram a ataques. O discurso do velho cacique é de paz: “Sou eu que defendo o meu povo. Sempre que tem algum tipo de conflito eu digo: ‘Não, a violência não’”.

O cantor britânico Sting telefonou a Raoni, oferecendo apoio, e juntos desenvolveram uma grande campanha internacional. Foi depois de encontro com o cantor, no Parque do Xingu, em 1987, que o cacique Raoni alcançou notoriedade internacional. Por iniciativa de Sting, um grande show, em Nova York, reuniu Elton John, Tom Jobim, Caetano Veloso, entre outros músicos, para arrecadar fundos para a demarcação de terras indígenas no Brasil.

Como resultado, 12 escritórios da “Rainforest Foundation” (Fundação Floresta) foram criadas no mundo com o objetivo de recolher fundos para ajudar na criação de um parque nacional na

região do Rio Xingu, na Amazônia, com uma superfície de mais ou menos 180 mil km².

Além desse resultado prático, um dos maiores sucessos da campanha de 1989 foi uma tomada de consciência do grande público sobre a necessidade de proteger a floresta amazônica e suas populações nativas. O presidente francês François Mitterrand foi o primeiro a apoiar a iniciativa de Raoni, no que foi seguido por Jacques Chirac; Juan Carlos, da Espanha; Carlos, príncipe de Gales; e o Papa João Paulo II, dentre muitos outros.

Transformando-se no embaixador da luta pela proteção da floresta amazônica e dos povos indígenas, Raoni, depois do ano de 1989, efetuou numerosas outras viagens pelo mundo, como por exemplo uma visita aos esquimós da costa norte de Québec, no Canadá, em agosto de 2001. Ou a visita ao Japão, em maio de 2007. Voltou também à França em 2000, em 2001 e em 2003, recebendo o apoio de Jacques Chirac.

Os diferentes povos indígenas da região do Xingu, dos quais ele é o mais célebre representante, lutam para preservar sua cultura ancestral. Raoni encontra-se regularmente com grandes líderes mundiais, mas continua vivendo em uma simples cabana, pouco possuindo de bens materiais. Os presentes a ele ofertados são sistematicamente redistribuídos a toda a comunidade.

NOVA HISTÓRIA

Quando o cacique Raoni se encontrou com os irmãos Villas-Boas, já haviam transcorrido quase 500 anos desde que os primeiros portugueses pisaram em solo brasileiro, com Cabral na dianteira. O fato é que os índios é que tomavam conta deste pedaço do Planeta e atrocidades de todos os tipos vinham marcando o relacionamento dos originários com os invasores que se arvoravam a donos das terras, donos de tudo, dos próprios seres humanos na figura dos indígenas.

Não há censo exato, é claro, mas os indígenas que habitavam o território onde hoje está o Brasil há mais de 12 mil anos somavam entre três e cinco milhões de pessoas. Naquele dia 22 de abril de 1500, contudo, essa população havia caído aos 150 mil, ou seja, a uma pequena percentagem do que era, mas um mundo imenso de gente, para os padrões habitacionais da época. E, no decorrer dos séculos seguintes, o indígena tornou-se forte formador do povo brasileiro, formando o tripé com os europeus e os africanos, inicialmente trazidos como escravos.

Ao longo da história, os povos indígenas sofreram um processo de conquista, dizimação física (genocídio) e violência cultural (etnocídio),

iniciado pelos portugueses e perpetuado, posteriormente, pela população brasileira sob olhar omisso, senão conivente, das elites tupiniquins. Muitos dos grupos são classificados como “nômades”, mas isto não significa um nomadismo constante. É um processo mais lento, que envolve o uso adequado do solo, flora e fauna de cada novo espaço ocupado.

Atualmente, segundo pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 734.131 pessoas se declaram como indígenas. No entanto, segundo a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), se considerarmos como índios somente as pessoas que habitam as reservas indígenas, o número do IBGE reduziria a população para 358 mil indígenas, com a sua grande maioria concentrada nas regiões do Norte, Nordeste e Centro-Oeste, com maior densidade na Amazônia Legal, que compreende todos os estados da região Norte e parte do Maranhão.

Na própria Região Centro-Oeste, onde se deu o encontro de Raoni com os sertanistas, embora mais recente, a presença do “branco” também foi demolidora. Os índios Goyás, que emprestam seu nome a um dos estados da região, por exemplo, já não existem mais. Eles são hoje apenas um registro na história do Brasil. Rondon e os irmãos Villas-Boas faziam parte de uma nova geração de brasileiros, disposta a promover a convivência harmônica entre pessoas diferentes que formam nosso povo.

De qualquer modo, contudo, os povos indígenas brasileiros deram contribuições significativas para a sociedade mundial, como a domesticação da mandioca e o aproveitamento de várias plantas nativas, como o milho, a batata-doce, a pimenta, o caju, o abacaxi, o amendoim, o mamão, a abóbora e o feijão. Além disso, difundiram o uso da rede de dormir e o costume do banho diário, hábito desconhecido pelos europeus do século XVI.

À língua portuguesa, é enorme a contribuição. Forneceram uma vasta lista de nomes de lugares, pessoas, plantas e animais (cerca de 20 mil palavras), e muitas de suas lendas foram incorporadas ao folclore brasileiro, tornando-se conhecidas em todo o país. Também foram importantes aliados dos portugueses, mesmo que involuntários, na consolidação da conquista territorial, defendendo e fixando cada vez mais distantes fronteiras.

Vale lembrar que o Tratado de Tordesilhas, em que Portugal e Espanha dividiam o mundo entre eles, foi assinado de 1494 – antes do Descobrimento do Brasil, portanto. Mas a ação dos portugueses sempre foi de ocupação física desses territórios no sentido Oeste, todos já ocupados por populações indígenas. Estes foram, entretanto, exterminados indiscriminadamente, mas os poucos que sobraram deram fundamental contribuição à

formação do Brasil, inclusive geograficamente.

Suas culturas diversificadas compunham originalmente um rico mosaico de tradições, línguas e visões de mundo. Depois de serem desprezadas por séculos, já começavam a ser vistas em larga escala como culturas complexas, sofisticadas em muitos aspectos, interessantes por si mesmas e portadoras de valores importantes para o mundo moderno, como o respeito pela Natureza e um modo de vida sustentável, pra começo de conversa.

Mesmo assim, a degradação das culturas tradicionais pelo contato assíduo com a civilização tem ocorrido, mesmo dentro das reservas, acarretando as já conhecidas repercussões sociais. As invasões predatórias, com a retirada de madeira, minérios e outros recursos, vêm ganhando força, na medida em que governos federais empunham a bandeira da destruição, contrariando os ensinamentos de nossos antepassados.

O modelo de desenvolvimento adotado do País contribui grandemente com o processo genocida. A pressão gananciosa dos interessados em madeira, minérios e nas próprias terras é permanente e não tem limites, precisa apenas de contar com os governantes, o que está ocorrendo agora em relação ao governo federal. Podemos dizer que os madeireiros, mineradores e ruralistas estão no poder.

PROTEÇÃO LEGAL

A legislação sobre a questão indígena surgiu praticamente junto com a colonização. Com a instalação do governo-geral em Salvador, na Bahia, em 1549, apareceu a primeira regulamentação sobre os índios, num Regimento que garantia proteção aos aliados da Coroa e dava aos padres jesuitas voz ativa nos assuntos relacionados aos índios. Em 1680, um Alvará Régio instituiu o *indigenato*, que era o reconhecimento do direito congênito e primário dos povos nativos ao seu território tradicional. Mas esse direito nunca foi levado em conta.

Durante o Império, a situação mudou muito pouco. Mesmo que neste período os índios tenham sido valorizados no discurso oficial, sendo vistos como os fundadores arquetípicos da nação. Isso, a ponto de os imperadores usarem um manto cerimonial com uma gola de penas de tucano pra fazer alusão aos povos da floresta como legítimos participantes de uma nova unidade nacional.

Mas, mesmo que eles tenham recebido até uma forma de culto mitificado por alguns intelectuais e artistas românticos – os indianistas –, não foram nem citados na Constituição de 1824. Ainda eram considerados incapazes diante da Lei, cabendo ao Estado catequizá-los e civilizá-los, continuavam

sendo mortos, escravizados e explorados. E aldeias eram extintas sob a alegação de que seus habitantes já faziam parte da sociedade brasileira.

Em 1850 foi aprovada a *Lei de Terras*, a primeira lei que regulamentou a propriedade privada no Brasil, assegurando também aos índios o direito territorial e reafirmando o antigo *indigenato*, mas outras leis entregavam a posse de terras tradicionais a colonos brancos se fossem classificadas como vagas por simples declaração pessoal dos interessados na posse, o que só serviu de pretexto à expulsão de comunidades inteiras pra possibilitar a apropriação fraudulenta de suas terras – era a grilagem.

Com a Proclamação da República, os positivistas se mostravam muito interessados pelos povos indígenas, vendo-os como verdadeiras nações, com direito à autodeterminação. Mas, mesmo com a forte influência do Positivismo sobre a política nacional de então, na primeira Constituição da República, de 1894, novamente os índios não foram citados, nem seus direitos territoriais foram reconhecidos, embora algumas constituições estatuais lhes outorgassem alguns direitos territoriais.

Em 1907 o Brasil, pela primeira vez, foi denunciado em um fórum internacional por massacrar seus índios. Este foi um dos fatores que levaram o governo a criar, em 1910, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), dirigido em seus primeiros tempos pelo Marechal Cândido Rondon, que era descendente de índios, permaneceu simpático à causa indigenista e foi grande defensor de seus direitos e dignidade.

Para ele, *“os índios não devem ser tratados como propriedade do Estado dentro de cujos limites ficam seus territórios, mas sim como nações autônomas, com as quais queremos estabelecer relações de amizade”*. O SPI também garantiu a posse de algumas terras tradicionais aos seus primeiros ocupantes e as protegeu contra invasões. Da mesma forma, reconheceu a importância de suas culturas originais e suas instituições.

Entretanto, foi só em 1969, durante o Regime Militar, que uma emenda constitucional (EC-001/69) definiu as terras indígenas como patrimônio da União. Essa definição passou a constar, depois, da Constituição Federal de 1988. O indígena tem direito de usufruto dos recursos naturais, mas não a propriedade dos territórios que ocupa, assegurando assim a preservação de suas culturas.

Viver como vivem as comunidades do entorno das reservas pode ser de interesse de alguns índios. Mas, ao contrário do que dizem os governantes, não é essa a opção de vida dos povos indígenas, que preferem manter suas tradições e suas culturas. Esta posição é a defendida ainda

hoje pelo Cacique Raoni e pela esmagadora maioria das lideranças indígenas do país.

Essa postura entra em choque com medidas que vêm sendo adotadas pelo governo federal, a começar pela suspensão das demarcações de reservas e pelo corte de verbas e de funcionários da Funai. As aldeias espalhadas pelo país foram as primeiras vítimas do cancelamento de contratos com profissionais do programa Mais Médicos.

Em verdade, esse órgão perdeu por completo suas funções e sua autoridade, de modo que as comunidades indígenas estão de novo jogadas no abandono, como forma de aniquilação.

ALERTA MÁXIMO

Não bastasse as bravatas na ONU, o presidente segue insultando os povos originários e a própria cidadania brasileira. Em discurso supostamente improvisado na porta do Palácio onde habita, em Brasília, em seu tosco linguajar, o mandatário declarou recentemente: *“Não é o índio, nem a porra das árvores, é o minério”*, revelando o que de fato lhe interessa na Amazônia.

A declaração intempestiva revela os planos de seu governo que, em alto e bom som, anuncia aos quatro ventos que regulamentará, em tempo recorde, a exploração de mineração em terras indígenas.

A decisão, comunicada em um evento sobre *commodities*, realizado no hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, em 24 de setembro, pelo secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral do Ministério de Minas e Energia (MME), Alexandre Vidigal de Oliveira, informa também que *“ainda está sendo definido o critério de compensação para as tribos indígenas que tiverem seus territórios explorados”*. O secretário afirmou que o governo estuda fixar *royalties* sobre a exploração e participação nos lucros.

Sob a ótica do governo e contra a qual se manifestam o cacique Raoni e todas as principais lideranças do movimento indígena brasileiro, liberar a mineração em terras indígenas faz parte da incorporação dos povos indígenas à cultura ocidental, expressando uma cultura assimilacionista totalmente desrespeitosa e inadequada às diversas realidades dos povos originários do Brasil.

E, o mais importante: o governo deixa claro que, caso um povo indígena não permita a exploração econômica da mineração, e também da agricultura, em seu território, seu direito de decidir será ignorado. Para o



Foto: Henrique Medeiros

secretário Vidigal, “A Constituição não fala de veto do índio, mas que ele tem de ser ouvido. Isso [a vontade dos índios] não é vinculativo”. Ou seja, mais um tempo de luta renhida se avizinha para os povos indígenas brasileiros.

TERRAS INDÍGENAS AMEAÇADAS

Segundo organizações de defesa dos direitos dos povos indígenas, como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a política de ataque aos povos indígenas pelo Estado brasileiro traz ameaças e consequências para as Terras Indígenas, que se encontram cada vez mais ameaçadas.

No mesmo dia da fala do presidente na ONU, o CIMI divulgou o relatório “Violência Contra Povos Indígenas do Brasil”, com informações relevantes sobre invasão de territórios indígenas e sobre outras ações de violência contra os povos originários. Embora os dados do relatório se refiram principalmente ao ano de 2018, dados parciais, também do CIMI, mostram que neste ano, até setembro, houve registro de 153 casos de invasão em 19 estados brasileiros, contra a ocorrência de 76 terras indígenas invadidas em 13 estados, no ano de 2018.

Ou seja, apenas nos primeiros meses de gestão do governo atual, os casos de invasão de terras indígenas quase dobram no Brasil. Apenas na Terra Indígena Munduruku, localizada no estado do Pará, foram instalados mais de 500 garimpos, e há o registro, documentado pelo relatório e por amplas reportagens da mídia nacional, da presença de milhares de garimpeiros explorando ouro e poluindo com mercúrio a Terra Indígena Yanomami.

PROMESSA DE CAMPANHA

Ao investir sobre as terras indígenas para destiná-las à mineração, o presidente cumpre sua promessa de campanha não somente de “não demarcar nenhum milímetro de terra indígena”, mas também de ocupar as que já estão desmarcadas.

De fato, a última terra indígena demarcada foi a TI Baía de Guapós, em Mato Grosso, no ano de 2018, sob o governo do golpista de Michel Temer, cuja homologação s foi suspensa por decisão do juiz federal Leão Aparecido Alves.

Segundo dados do CIMI, das 1.290 terras indígenas brasileiras, apenas 408 estão homologadas. Outras 821 encontram-se em processo de regularização e/ou reivindicadas. Na imensa maioria dos casos, “as terras indígenas – demarcadas ou não – em sua quase totalidade, encontram-se invadidas, depredadas e em processo de profunda devastação”, informa o relatório.

Sobre a Amazônia, a mídia nacional corrobora a informação de organizações locais e de direitos humanos sobre o processo devastador de invasão dos territórios, demarcados e homologados ou não. Embora todo o país sofra as consequências do desrespeito institucional aos direitos das populações tradicionais, “é na Amazônia que a natureza está sendo dragada por madeiras, mineradoras, garimpeiros, grileiros e pelo latifúndio, mas a cobiça é ainda mais explícita sobre a Amazônia, expressa em projetos de exploração indiscriminada da terra e de todos os seus bens naturais”, completa o relatório do CIMI.

RAONI NOBEL DA PAZ

Com seu discurso desconexo, ao colocar o holofote no cacique Raoni, o presidente acabou por usar o palco internacional da Assembleia da ONU para qualificá-lo como sério candidato ao Prêmio Nobel da Paz em 2020, ano em que cacique completa seus 90 janeiros.

Indicado por um grupo de ambientalistas e antropólogos, capitaneados pela Fundação Darcy Ribeiro, que o consideraram um símbolo da luta contra o desmatamento da Amazônia e em defesa dos povos da floresta, as ameaças recentes do governo brasileiro sobre seu povo e seu habitat trouxeram o velho e sábio cacique de volta à arena internacional.

Em viagem recente à Europa, Raoni se encontrou com o presidente da França, Emmanuel Macron e com o Papa Francisco. Em cada audiência, Raoni chama a atenção do mundo para as sérias ameaças ambientais sofridas não somente pelos indígenas, mas por todo o povo brasileiro.

Obviamente, essa presença marcante de uma liderança histórica liderando essa nova chamada de consciência incomoda o presidente xauara do Brasil, que faz questão de repetir que Raoni “não representa a luta de todos os índios brasileiros.” Claro que não!

Raoni representa muito mais que a luta histórica de todos os povos indígenas brasileiros, em sua luta incansável na defesa do nosso meio ambiente, Raoni representa o próprio povo brasileiro, ou pelo menos a parte do nosso povo que se preocupa com a construção de um mundo mais humano, mais justo e mais sustentável para as gerações presentes e futuras.

Que venha, portanto, o Nobel da Paz para Raoni!



Jaime Sautchuk
Jornalista. Escritor





PARECE CORUJA, MAS NÃO É: O BACURAU

No folclore caboclo, reza a lenda que para participar de uma festa no céu o Bacurau emprestou penas de diversos pássaros. Porém, no dia seguinte, não as devolveu e foi castigado por São Pedro, tornando-se uma ave de hábitos noturnos que solta o grito “amanhã eu vou” referindo-se à devolução das penas.

O Bacurau é uma espécie cheia de hábitos muito curiosos. É uma ave que prefere passar a maior parte do tempo no chão, onde dorme durante o dia todo e, para não ser incomodado, aproveita sua plumagem para se camuflar entre a vegetação rasteira.

É também no chão que faz seu ninho, a fêmea põe os ovos em campo aberto e os choca sozinha. Se perturbada, não pensa duas vezes e muda o ninho para outro lugar, puxando os ovos e andando de marcha à ré.

Conhecido por diversos nomes como Bacurau, Curiango, Ibijau, Acurana ou A-ku-kú, essa ave faz parte da família

Caprimulgidae, que no Brasil conta com cerca de 24 espécies diferentes. A maioria é muito semelhante entre si, sendo que apenas pequenos detalhes na coloração das penas permitem distingui-las.

Embora até possam lembrar uma coruja, não há parentesco entre elas. Ao contrário das corujas, que usam suas garras e bicos afiados para caçar e comer suas presas, os Bacurau caçam insetos em pleno voo. São verdadeiros acrobatas voando e graças à capacidade peculiar entre as aves desse grupo de abrir amplamente o bico, capturam mais facilmente os insetos, sua principal fonte de alimento.

Seus grandes olhos ajudam a identificar a presa no escuro e são sua grande arma de caça, pois os Bacurau possuem uma estrutura como um espelho no fundo dos olhos que reflete a luz e aumenta sua habilidade de ver no escuro.

Fonte: <https://diretodareserva.tumblr.com>

CERRADO:

IDEIAS PARA UMA HISTÓRIA

Altair Sales Barbosa

A região do Cerrado é um ponto de encontro entre a Amazônia, o Nordeste e o Sul. O planalto, revestido de cerrado, é recortado pelos rios das três grandes bacias brasileiras (do Amazonas, do Paraná e do São Francisco), acompanhadas de matas de galeria, ora mais, ora menos largas.

No encontro dos rios das três bacias, formou-se uma extensão maior de floresta, conhecida como Mato Grosso de Goiás. As áreas de matas oferecem solos para cultivos, a serem instalados no começo das chuvas de verão. O Cerrado é muito rico em caça e em grandes variedades de frutos que podem complementar a agricultura no começo das chuvas, e os rios proporcionam muito peixe no começo da estação seca.

Muito antes dos horticultores ceramistas, os caçadores e coletores pré-cerâmicos haviam se esparramado pelo território, usando os recursos de acordo com suas necessidades e sua tecnologia. Não se tem ainda nenhuma ideia de quando e como se instalaram os cultivos.

Estes poderiam ter chegado pela migração de grupos horticultores ou pela aculturação dos caçadores e coletores anteriormente aí presentes, que

os poderiam ter recebido de vizinhos ou mesmo de processos locais. É possível que todos esses fenômenos tenham ocorrido.

Certamente não se pode resumir todo o jogo do povoamento em deslocamentos de grupos já prontos, porque sobra a pergunta: onde estes se formaram? Certamente, como nas outras áreas do mundo, os sistemas agrícolas desenvolvidos por populações indígenas, como as do Brasil Central, são o resultado de um longo processo experimentação, de coleta, cultivo e domesticação, desenvolvimento e empréstimo de técnicas de um ajustamento da sociedade.

Talvez a transição do período úmido e quente do altitermal para um período mais seco e ameno fosse a ocasião de povoamento. O fato é que, no centro do Brasil, ainda se desconhece por completo todo o processo e, depois dos antigos caçadores, se encontram de repente, já formados, os grupos horticultores ceramistas num tempo em que o ambiente supostamente já era o atual.

O mais antigo até agora detectado é o da Fase Pindorama, supostamente horticultor, que





já tem cerâmica ao menos durante 500 anos A.C. Depois aparece a Tradição Aratu/Sapucaí, a Una, a Uru e Tupiguarani.

As diferentes Tradições (cerâmicas) de horticultores exploram ambientes e cultivos diversos. A Tradição Uma colonizava vales enfunados, geralmente pouco férteis, com predominância de cerrados, usando como habitação abrigos e grutas naturais e como economia uma forte associação de cultivos em que predomina o milho, associado à caça e à coleta.

Imagina-se que a população se distribuía em pequenas sociedades, mais aptas para explorar os recursos diversificados que poderiam alcançar, do seu ponto de instalação, o rio próximo, a pequena mata de galeria, o cerrado e muitas vezes o campo no alto do chapadão. Esse ambiente não é disputado pelos grupos que constroem suas aldeias em áreas abertas.

Os primeiros aldeões conhecidos são os da Tradição Aratu/Sapucaí. Seu domínio são os contrafortes baixos das serras do centro-sul e leste de Goiás, especialmente as terras férteis e mais florestadas do Mato Grosso de Goiás, onde podem instalar uma economia mais fortemente dependente de cultivos, mas provavelmente sem dispensar a exploração dos frutos do cerrado, a caça e a pesca.

Sua população é numerosa e nenhum outro grupo conseguiu infiltrar-se no seu território, que por seus recursos deveria ser muito ambicionado. Suas aldeias populosas poderiam permanecer longamente no mesmo lugar e, quando era desejado, poderiam se deslocar para um espaço próximo, porque o território era fértil e estava sob domínio. Também o sistema de cultivo, baseado em tubérculos e provavelmente no milho, pôde resistir aos avanços dos grupos mandioqueiros da Tradição Uru-Tupiguarani.

A Tradição Uru chega mais tarde e domina o centro-oeste do Estado. Avançando ao longo dos rios, ocupa terrenos mais baixos, provavelmente de pouca utilidade para os aldeões que haviam se instalado antes, mas importante para eles por causa da locomoção e principalmente da pesca. Dessa forma se criou entre os dois grupos uma fronteira bastante estável, talvez nem sempre pacífica, em que aparentemente a Tradição Aratu é mais receptiva, aceitando elementos tecnológicos selecionados, entre os quais não está a mandioca e seu processo de transformação, aceito apenas em locais restritos.

A Tradição Tupiguarani parece a mais recente das populações aldeãs, tendo um certo domínio sobre o vale do Paranaíba. A partir dele, acompanha os afluentes, indo acampar nos abrigos anteriormente habitados pela Tradição Uru. Também tem aldeias dispersas na bacia do Alto Araguaia, mas aparentemente sem muita autonomia, convivendo às vezes na mesma aldeia com grupos horticultores de outras Tradições.

O Tupiguarani da bacia do Tocantins tem as aldeias ainda mais dispersas e recentes, como se realmente fossem, tal qual se imagina, populações vindas já no período colonial e que por isso enfrentariam não apenas os demais índios aldeões já instalados, mas também os colonizadores brancos que os teriam trazido.

Se a Tradição Uru e a Tradição Tupiguarani, de mandioqueiros, parecem mais próximas das culturas amazônicas, embora talvez não tenham procedência imediata de lá, a Tradição Aratu/Sapucaí faz parte de uma Tradição mais de centro-Nordeste.

A Tradição Una, com menos domínios sobre as áreas abertas disputadas pelos aldeões da Tradição anterior, comprime-se numa faixa entre estes e as populações coletoras-cultivadoras do planalto meridional, tradicionalmente conhecidas por suas aldeias de casas subterrâneas. Não obstante essa sua posição marginal, é nela, fora da Amazônia, que estão as datas mais antigas para a cerâmica. Talvez essa seja uma forma de cultura anterior ao desenvolvimento dos aldeões e, quem sabe, a origem deles.

Talvez, com exceção dos Tupiguarani, os representantes das outras Tradições viveram no território durante séculos sem muita movimentação, como numa terra que era deles; entre 70 e 100 gerações de horticultores sem maiores mudanças, a não ser as novas adaptações de fronteiras, onde populações mais antigas aceitassem novas tecnologias recém-vindas.

Isso ocorreu até o dia em que irromperam na área, em grandes destacamentos armados, homens diferentes, não interessados em plantar, colher e caçar, nem em construir aldeias entre o cerrado e a mata ou à beira da lagoa ou do rio. Queriam levar gente, pedras brilhantes e ouro. Para muito longe. Primeiros anos do século XVIII.

Era o caos. As roças pilhadas, as aldeias demolidas, as mulheres violentadas, as terras de cultivo invadidas, as pessoas morriam de doenças desconhecidas. A guerra foi a solução ditada pelo desespero. A derrota, o aldeamento, a desmoralização, a extinção ou a fuga, as consequências



Altair Sales Barbosa – Arqueólogo, em “O Piar da Juriti Pepena – Narrativa Ecológica da Ocupação Humana no Cerrado”. PUC Goiás, 2014.



QUANTAS ÁGATHAS MAIS VÃO PRECISAR MORRER?

Iêda Leal

Ágatha Félix era uma menina negra, carinhosa, estudiosa, sonhadora, amada pela família, pela escola e pela comunidade inteira. Como qualquer outra criança de qualquer outro lugar do planeta, Ágatha merecia viver.

Ágatha merecia, mas não pôde viver. Ágatha perdeu a vida no dia 21 de setembro com um tiro nas costas dentro de uma Kombi no Conjunto de Favelas do Alemão, no Rio de Janeiro. Como aconteceu com as outras dez crianças assassinadas por "balas perdidas" no Rio somente no ano de 2019, uma bala disparada pela política etnocida do governador Wilson Witzel retirou de Ágatha o sagrado direito de existir.

Fontes da Polícia Civil dizem que a bala que encontrou as costas de Ágatha saiu da arma de PM. O motorista da Kombi reitera que não houve confronto, que a bala assassina foi disparada sem que sequer houvesse uma disputa da polícia com bandidos, fato comum e corriqueiro na capital carioca.

A morte de Ágatha só pode ser atribuída, portanto, à gestão irracional e cruel de um governador que prioriza a ação midiática em vez de vidas humanas, em especial de vidas pobres, pretas e periféricas. Perderam-se, no Rio de Janeiro, todos os parâmetros éticos da dignidade humana.

Predomina, no Brasil, a negligência de um Estado que, dominado por um poder fascista, continua marcando de sangue retinto os becos das favelas onde vivem crianças pobres e negras. A cada dia mais, se rompem os princípios inclusivos e democráticos da Constituição Cidadã de 1988.

Vivemos dias difíceis de enfrentamento ostensivo contra o racismo e o preconceito. Vivemos momentos terríveis de dúvida sobre o futuro da esperança que, de momento, não tem sido capaz de vencer o medo. Vivemos horas de uma inquietante pergunta sem resposta: quantas Ágathas mais vão precisar morrer?



Iêda Leal

Tesoureira do SINTEGO. Secretária de Combate ao Racismo da CNTE. Vice-presidenta da CUT-GO. Coordenadora Nacional do MNU. Artigo enviado em 25 de julho de 2019 desde a Tailândia, onde participou do Congresso Mundial de Educação.





LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



A VAZA JATO DERROTOU A LAVA JATO

Emir Sader

O STF foi parte integrante da guerra híbrida, a nova forma de golpe da direita, que promoveu a ruptura da democracia e do Estado de direito no Brasil. Por um lado, foi conivente com o golpe contra a Dilma, com prisão e condenação indevidas do Lula e com a monstruosa operação ilegal no processo eleitoral.

O STF se deixou levar pela gigantesca campanha midiática que promoveu a Lava Jato como a operação que ia acabar com a corrupção no Brasil e que, nessa condição, tinha direito de cometer todo tipo de abuso e de ilegalidade, desrespeitando os procedimentos legais, os direitos dos acusados, as normas jurídicas básicas do Estado de direito.

Ficou "acovardado" - como bem disse Lula na conversa que ilegalmente foi pinçada e divulgada pela Lava Jato, para incompatibilizar o ex-presidente com o STF. Não se atrevia a colocar limites às bárbaras ilegalidades e arbitrariedades cometidas pela Lava Jato.

Preferiu assumir um papel de agente na luta contra a corrupção do que julgar tudo o que de tão grave se passava no país, do que abrir a Constituição e julgar o que era legal e ilegal no Brasil.

O STF chegou à estupidez de decidir, reiteradas vezes, que o juiz Sergio Moro seria imparcial, isento, parajulgar Lula, apesar das decisões absolutamente parciais e viciadas que sempre tomou contra os direitos do ex-presidente, a ponto de condená-lo sem provas, por convicções, de não levar em conta o seu direito universal à presunção de inocência, de condená-lo por fatos indeterminados.

As revelações do *The Intercept* apenas confirmaram o que sempre se disse - Lula em primeiro lugar - a respeito dos métodos da Lava Jato, da sua atuação como partido político, promovendo a guerra das leis como forma de perseguição política. Foi a virada determinante no clima político em relação à Lava Jato - além dos comportamentos do próprio Moro, indo para o governo e aderindo ao bolsonarismo.

A decisão do STF é reflexo dessa mudança de clima, de enfraquecimento do "acovardamento" do STF. Bastaria ter assumido seu papel fundamental de defesa da Constituição para que o STF tivesse impedido a ruptura da democracia e do Estado de direito.

Não foi o que fez e deixou de fazer. Agora o faz, ainda que tarde, tendo sido conivente com as monstruosas regressões que o país vive. Antes tarde do que nunca. Ainda assim, agora vêm os que querem minimizar decisão, regulamentá-la de forma a que não seja um direito geral e, sobretudo, a que não valha para Lula.

O presidente do STF, aliado estreito do governo e agente da promoção do papel dos militares nesse governo, rapidamente trata de colocar os juizes diante de uma segunda decisão, testando sua coragem diante da reafirmação da decisão, incluindo o único brasileiro para o qual até aqui não valeu o direito à presunção de inocência - Lula. Não estão então ainda definidas as consequências da decisão. Mas ela já representou a derrota da Lava Jato pela Vaza Jato.

Significa a vitória da verdade sobre a manipulação subterrânea, a vitória do Estado de direito sobre as arbitrariedades, a vitória do direito de defesa sobre as perseguições, a vitória do império da lei sobre o reino da instrumentalização das leis contra os direitos de todos os indivíduos.

Se tornou um marco na luta pela restauração da democracia e do Estado de direito no Brasil, que passa necessariamente pelo STF, pela recuperação da sua coragem e integridade. Pelo reconhecimento das arbitrariedades cometidas contra o Lula, a anulação dos seus processos e a sua liberdade. Pelo processo e condenação dos juizes que cometeram as maiores arbitrariedades da história jurídica do Brasil e mudaram a história do país da forma mais arbitrária possível. Da liquidação do regime de exceção montado no Brasil desde o golpe contra a Dilma, que desejava transformar-se num Estado de exceção, mediante os projetos do Moro de construção de um Estado policial, mediante seu pacote de medidas totalitárias mandado ao Congresso.

Essa decisão é apenas o começo. O STF foi conivente com o golpe de 1964, depois, já tarde, tratou de recuperar sua função de defensor da democracia e do Estado de direito. Foi conivente com o golpe contra a democracia que se deu em três etapas desde 2016 - derrubada da Dilma, prisão do Lula e eleição ilegal -, agora pode estar começando a perder o medo e voltando a assumir seu papel de guardião da democracia e do Estado de direito.

Só a intransigente luta democrática, política, jurídica e de massas pode fazer dessa vitória da Vaza Jato sobre a Lava Jato um marco na restauração da democracia e do Estado de direito no Brasil.



Emir Sader

Sociólogo, um dos principais sociólogos e cientistas políticos brasileiros.





POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS ELEVAM VOZES EM DEFESA DO CERRADO

O IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, promovido pela Rede Cerrado, foi prestigiado por aproximadamente sete mil pessoas. Seminários, oficinas, shows e comercialização de produtos da sociobiodiversidade movimentaram a capital federal de 11 a 14 de setembro.

Cerrado: o que te faz lembrar dele? Mesmo que alguns ainda não percebam ou não saibam, este Bioma é rico em diversidades. Tem cultura, tem gente, tem planta, tem animais, tem vida! E isso pôde ser vivenciado pelas quase sete mil pessoas que prestigiaram a nona edição do Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, que ocorreu em Brasília, de 11 a 14 de setembro.

Seminários, oficinas, shows, comercialização de produtos da sociobiodiversidade, além da tradicional Corrida de Toras, deram vazão às riquezas e às principais demandas do Bioma, dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, que foram os protagonistas do evento, que teve início, não por acaso, no Dia Nacional do Cerrado.

Com o tema 'Pelo Cerrado Vivo: Diversidades, Territórios e Democracias', o Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, promovido pela Rede Cerrado, foi um espaço de encontros, celebração, denúncias, lutas e resistências. "Foi muito gratificante porque nós unimos forças por uma luta comum que é a defesa do Cerrado.

"Eu participo desde a primeira edição e vivenciar essa união, apresentar nossas riquezas e produtos foi muito bom", destacou Lucely Pio, quilombola e raizeira que, além de trazer cosméticos à base de plantas medicinais do Cerrado, presenteou os participantes ministrando uma oficina sobre saúde da mulher.

Ao todo, foram realizadas durante o evento 18 oficinas com a participação de mais de 750 pessoas. Diferentes temas foram abordados, como gêne-

ro, juventudes, gestão territorial, neoextrativismo, conflitos socioambientais, produção e comercialização de produtos agroextrativistas, entre outros.

"Meu sentimento é de felicidade, de realização. Pela situação que estamos vivendo, a realização deste encontro foi muito importante. Uma vitória de cada um de nós que juntos nesta Rede fizemos nosso evento acontecer. É preciso chamar a atenção de toda a sociedade. Pedimos que nos ajudem a cuidar do Cerrado, a combater todo o mal que está acontecendo com ele", desabafou Maria do Socorro Teixeira Lima, quebradeira de coco babaçu e coordenadora geral da Rede Cerrado.

Com uma mistura de sentimentos refletidos no olhar, ela se lembrou de todas as problemáticas enfrentadas pelo Cerrado, seus povos e comunidades tradicionais. Atualmente, ele é o Bioma mais ameaçado do Brasil. Mais da metade da vegetação original do Cerrado já foi desmatada. Ele, que é o segundo maior Bioma do país, ocupando 24% de todo território nacional, concentra 30% de toda a biodiversidade do país e 5% da biodiversidade do planeta.

Além disso, é no Cerrado que estão localizadas oito das doze regiões hidrográficas brasileiras, abastecendo seis das oito grandes bacias hidrográficas do país. É no Cerrado, por exemplo, onde estão três dos principais aquíferos do Brasil: Bambuí, Urucuia e Guarani. O avanço in-



FEIRA DA SOCIOBIODIVERSIDADE E DA DIVERSIDADE CULTURAL

discriminado das grandes monoculturas no Bioma tem afetado diretamente a sociobiodiversidade e as águas do Cerrado, responsáveis por abastecer grande parte do país.

Além disso, a região Centro-Oeste do Brasil, quase toda ocupada pelo Cerrado, está na segunda posição quando se trata da elevação do número de incêndios florestais (atrás da Amazônia), apresentando crescimento de 100% no número de focos de incêndio no comparativo com dados de 2018, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). No início do mês de setembro, por exemplo, o incêndio no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, situado no Mato Grosso, destruiu quase 4 mil hectares de sua área.

“Quero deixar bem claro que não tinha branco destruindo floresta, rios e animais desse jeito que eles estão fazendo. Nossos ancestrais foram os primeiros habitantes desta terra. Eles vieram do outro lado do oceano, chegaram e começaram a destruir tudo”, alertou o Cacique Raoni, indicado ao Prêmio Nobel da Paz de 2020, durante o seminário Cerrado: qual defesa queremos?

Outro seminário realizado durante o Encontro e Feira dos Povos do Cerrado foi um que levou para dentro da Câmara dos Deputados a importância dos povos e comunidades tradicionais para a conservação do Bioma. Na oportunidade, houve a entrega de uma petição com mais de meio milhão de assinaturas pela aprovação da PEC 504/2010, que transforma o Cerrado e a Caatinga em Patrimônio Nacional. Rodrigo Maia, presidente da Câmara dos Deputados, recebeu a petição pelas mãos da deputada Joenia Wapichana.

Mais cedo, durante seminário na Câmara, a Campanha Nacional em Defesa do Cerrado já havia entregue o caderno de assinaturas à Joenia e a outros parlamentares presentes. Mais de mil pessoas participaram desses momentos de debates e reflexões conjuntas.

Este foi o espaço que mais atraiu o público em geral. Com 17 diferentes apresentações culturais e 35 barracas comercializando uma grande variedade de produtos da sociobiodiversidade: comidas, bebidas, embutidos, artesanatos, biojóias, cosméticos, entre outros, pelo espaço passaram cerca de 6.900 pessoas, somando os quatro dias de evento.

Para Luís Carrazza, da Central do Cerrado, um dos expositores do Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, foram dias incríveis. “Foi muito importante para reunirmos as cooperativas produtivas associadas à Central do Cerrado e somarmos forças junto a Rede Cerrado nessa agenda em defesa do Bioma, dos povos e de seus direitos.

A integração da pauta política, agenda cultural super rica e a feira com a diversidade de produtos e experiências consistiram em um super instrumento de visibilidade das riquezas e ameaças que sofremos no Cerrado e de engajamento dos povos tradicionais e da população em geral nesta luta”, avaliou Carrazza, comemorando a venda de cerca de R\$ 18 mil em produtos ao longo do evento.

Além das atrações e da feira, durante o IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, a exposição Pelo Cerrado Vivo, com fotografias de Leopoldo Silva, Fernando Tatajiba e Bento Viana, proporcionou aos mais de 200 visitantes a oportunidade de percorrerem um caminho com diferentes experiências visuais e sensoriais do Cerrado.

Realizado desde 2001, o Encontro e Feira dos Povos do Cerrado é um grande espaço de intercâmbios e articulações em defesa da conservação do Bioma e do fortalecimento de seus povos e comunidades tradicionais. O Encontro proporciona reflexões sobre políticas públicas, além de ser um momento para a promoção e comercialização de produtos dos Povos do Cerrado, constituindo-se em uma importante festa da sociobiodiversidade.

A expectativa é que a décima edição do Encontro e Feira dos Povos do Cerrado ocorra em 2022, ano do aniversário de 30 anos da Rede Cerrado.



Thays Puzzi - Assessoria de Comunicação Rede Cerrado

BACURAU

UM FILME COM A CARA DO BRASIL

Aydano André Motta

Em cartaz no Brasil após viagem de aclamação e prêmios no exterior, "Bacurau" se passa num futuro distópico, mas desfila incômodas semelhanças com a vida real do Brasil – no presente. Aqui, uma lista – COM SPOILERS – da mistura perturbadora.

1. A falta de acesso a água potável e saneamento.

O caminhão-pipa serpenteando por estradas em escombros é um personagem da trama. Ao ser perfurado por tiros, os moradores correm para tentar salvar um pouco da água que escorre pela terra. Na vida real, metade dos brasileiros não tem acesso a esses serviços.

2. O isolamento internacional. Bacurau some do mapa, referência precisa do Brasil que briga com os vizinhos da América do Sul e parceiros estratégicos mundo afora, como França e China.

3. O povo desvalorizado e subjugado. Os visitantes vêm participar de uma competição macabra: o extermínio de pessoas esquecidas, que vivem no "fim do mundo", onde só têm valor como mercadoria – a população, aliás, foi vendida aos estrangeiros para servir de alvo.

4. A elite patética. Dois habitantes do Sul, "a região rica", contratados pela trupe gringa, se enxergam brancos como os visitantes. Mas descobrem, do jeito mais sangrento, que são, isso sim, latinos, compatriotas dos pobres

nordestinos. Como os migrantes que sonham ser "nativos" em Miami ou Portugal, mas continuam brasileiros.

5. A violência tatuada na nossa sociedade.

Os oprimidos têm, como grande orgulho de sua cidade, o museu onde se destacam fotos de cangaceiros portando armas. E eles reagem à brutalidade com ainda mais força, utilizando armas antigas e explosivas. Como os opositores, saboreiam a própria violência. Além disso, caixões são transportados o tempo inteiro na cidade. Faz sentido, no país que, em 2018, matou 67 mil pessoas.

6. A sedução pelo extermínio. O filme se passa "daqui a alguns anos". Num dado momento, a TV transmite evento ao vivo, a tarja informa: "Execuções públicas no Vale do Anhangabaú". Combina com o discurso vitorioso de extermínio do povo pobre e preto.

7. A milícia. Para reagir aos invasores, os habitantes de Bacurau pedem socorro ao ex-matador que voltou à cidade. Ele se une



a outros criminosos, que vivem nas cercanias. Exatamente como a milícia age nas grandes cidades, vendendo segurança num primeiro momento, para depois controlar a vida toda nas comunidades distantes.

8. As drogas. “Nós estamos sob efeito de forte psicotrópico, e você vai morrer”, avisa morador de Bacurau a um dos visitantes. Todos os habitantes ingerem um comprimido, antes da batalha. Um território onde parece se estar delirando, fora do juízo, como o Brasil de hoje.

9. A tragédia dos políticos. Diante do povoado deserto, o prefeito em campanha pela reeleição traz comidas e remédios vencidos. Quando vai embora, leva uma jovem prostituta. Qualquer semelhança com políticos da vida real não será mera coincidência.

10. O abandono das crianças. “Ele parecia ter 16 anos”, despreza um dos estrangeiros, após baleiar menino bem mais jovem. Encaixa na discussão sobre a redução da maioria penal, pautada pela intolerância.

11. Sobre enxugar gelo. Domingas, a médica interpretada (magistralmente, mais uma vez) por Sônia Braga vive sob forte pressão, que só consegue aliviar com a muleta da bebida alcoólica.

12. A falta de individualidade. As identidades dos moradores são apagadas e vigora o conceito de tribo, onde todos exercem o mesmo papel. Da jovem que chegou de volta à sua terra natal ao idoso com postura de sábio, a população aperta unida o gatilho contra os visitantes.

13. O monstro adormecido. Líder dos estrangeiros exterminadores, Michael (Udo Kier) não é assassinado, mas preso num buraco, como se dali pudesse emergir um dia.

Bônus 1: Num enterro coletivo, são citadas vítimas como “Mariza Leticia” e “Marielle”. Nem precisa explicar, né?

Bônus 2: Repare na placa da foto lá do alto, a distância que falta até Bacurau. De novo, nem precisa explicar, né?



Aydano André Motta

Jornalista/Projeto Colabora.

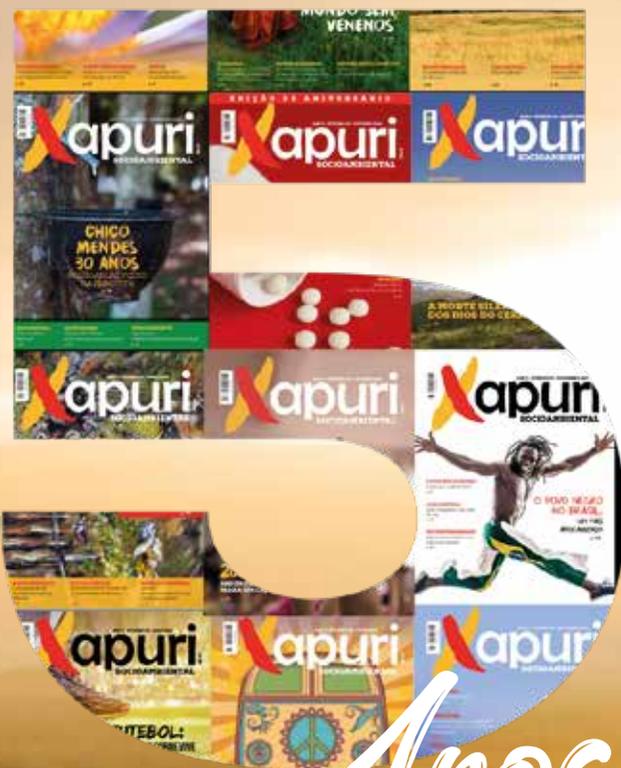
E-mail: aydanoandre@gmail.com.





Xapuri

SOCIOAMBIENTAL



Anos

**60 EDIÇÕES,
E MUITA CORAGEM
PARA SEGUIR SONHANDO,
PARA SEGUIR LUTANDO.
GRATIDÃO!**

vamos {de} ROSA.

Prefeitura de Formosa, mulheres e a família: **JUNTOS** contra o câncer

Neste mês, em alusão ao Outubro Rosa, estão sendo realizadas diversas atividades com o objetivo principal de ressaltar a necessidade da prevenção e do diagnóstico precoce do câncer.

No dia 25 de outubro, a **Prefeitura de Formosa** irá realizar o **dia "D"** na Praça da Prefeitura, com ações na área da saúde, beleza e prevenção. Neste dia vamos ressaltar a importância de estarmos juntos na luta contra o câncer. Participe!

Dia D - 25 de outubro
a partir das 15h na praça da Prefeitura



EDUCAÇÃO EM FORMOSA: MOLA DO PROGRESSO, DA ORDEM E DA FELICIDADE

Maria Aparecida Hamu Opa

Foto: divulgação

A educação em Formosa desde a 1ª década do século XX tem sido mola do progresso, da ordem e da felicidade. Tenho em mãos cópias de números da *Informação Goiana*, que traz notícias bastante elogiosas sobre a educação em Formosa.

“Sob a brilhante direção do Professor Antônio Euzébio de Abreu, que há vinte anos milita no magistério, há nesta florescente cidade do planalto central um magnífico instituto de ensino secundário, onde se lecionam todas as matérias exigidas para a matrícula nas escolas superiores. Dispõe o Colégio Formosense de confortável edifício, com lotação para mais de 100 internos.

Ao lado do internato funciona o externato, que é bem frequentado. Além do curso propedêutico, há ainda aulas de higiene escolar, instrução cívica com exercício militar à francesa e jiu-jitsu. Ainda de iniciativa particular, há em Formosa um colégio de irmãs dominicanas, onde a matrícula atinge anualmente ao número de 180 alunos. Atualmente, é a cidade goiana que dispõe de melhor instrução.”

Quase um ano depois, é o próprio professor Antônio Euzébio que escreve na mesma *Informação Goiana*, Rio de Janeiro, 15 de junho de 1918. Por ser extenso, cito apenas alguns extratos: “... Entre outros, devo citar o de Formosa, o qual tive o prazer patriótico de organizar à requisição do governo local, cujo programa de ensino e métodos empregados deveriam merecer imitação por parte dos demais municípios goianos e outros, por este país afora, onde a instrução primária ainda conserva como troféu colonial o bê-á-bá cantado segundo a cartilha bissecular do apoteosado professor Coruja.

O grupo escolar de Formosa, moldado de conformidade com os métodos modernos mais produtivos, tem um programa expurgado de todas as inutilidades e sobrecargas que confundem e esmorecem os jovens escolares, que, assim, se retiram dos muitos estabelecimentos que frequentam, ignorando as regras mais elementares da linguagem nacional e desconhecendo ordinariamente as mais simples noções de geografia do seu estado e do Brasil.

O curso escolar é ali de quatro anos, podendo o alunado inteligente e aplicado ser promovido três vezes no decurso do ano escolar e receber no fim do 1º ano de frequência o seu certificado de “conclusão”, que o isenta da obrigatoriedade de ensino e lhe permite cuidar dos seus interesses ou auxiliar a família com o concurso do seu trabalho”.

As ideias expressas pelo professor Antônio Euzébio neste texto nos levam a uma análise surpreendente pela consciência do significado social e político com que o professor estabelecia as normas do seu Colégio Formosense.

A juventude formosense fez jus ao espírito democrático da sua escola, quando, na campanha eleitoral de 1944/45, manifestou-se de forma dinâmica e entusiasta pela oposição. Anos antes, ainda na ditadura de Vargas, era interventor de Goiás Pedro Ludovico Teixeira.

Na Praça Rui Barbosa (no jardim como era chamado) foi erguido um pedestal com o busto do impoluto interventor. Mas a rapaziada desta terra tomou-se de birra com o dito busto. Em primeiro lugar, viraram-no para o norte. Foi um “Deus nos acuda”.

Foram todos os jovens do sexo masculino e pertencentes à UDN intimados à Delegacia de Polícia. Os de maior fama foram mesmo trancafiados nas grades. O tempo passou e, à calada da noite, arrancaram o busto e o jogaram na cisterna que havia no jardim. De lá foi retirado e, restaurado com solenidade, recolocado no pedestal.

Vivemos mais algum tempo e, certa manhã, o sacristão, ao se dirigir ao campanário para tocar o sinal para a missa das seis horas, deparou-se com o busto do Dr. Pedro Ludovico enforcado nas cordas dos sinos da matriz. Ai, sim, acabou a história do busto, cujo destino ignoramos.

Maria Aparecida Hamu Opa

Professora (*in memoriam*). Excerto de texto publicado na Revista *DF Letras*, edição 25/26, ano III. Com edições de Iêda Vilas-Bôas.



ACARAJÉ:

UMA OFERENDA SAGRADA

Rafael Sette Câmara



Ilustração: Dorival Caymmi

Caymmi 84

Além de prato símbolo da Bahia, vendido em todas as esquinas de Salvador, o acarajé é a comida de um orixá. “É uma oferenda feita para iansã, no terreiro de candomblé. A hóstia está para a igreja católica assim como o acarajé e o abará estão para as religiões de matriz africana. Todos têm a mesma importância”. Quem me explicou isso foi a Rita Santos, coordenadora da ABAM, a Associação Nacional das Baianas de Acarajé.

Você pode até não conhecer essa história, mas provavelmente sabe que o acarajé é um bolinho de feijão fradinho frito em azeite de dendê, recheado com camarão, vatapá, caruru. E dono de um sabor único. Comum na região ocidental da África, o prato tem um nome em cada pedaço do continente. É kosai no norte da Nigéria, koose em Gana e akara em outros lugares, embora em nenhum deles seja exatamente igual. Segundo alguns pesquisadores, o acarajé é um parente distante do falafel dos árabes.

É do último nome que se originou a nomenclatura brasileira. Em iorubá, àkàrà significa “bola de fogo” e je é “comer”. Difícil pensar num nome mais acertado. E já que falamos em fogo, está nele - e nos conceitos de quente e frio - uma das maiores gafes cometidas por turistas desavisados. “Quando o cliente chega na baiana e ela pergunta: ‘quente ou frio’?, e a pessoa fala quente, a baiana vai encher de pimenta. Não é quente porque acabou de fritar, é porque vai ter pimenta”, explica, entre risos, a Rita, que dá a dica - quem quiser um bolinho que acabou de sair do fogo deve dizer exatamente isso. Aí não tem chance de erro.



Foto: divulgação

A INCRÍVEL HISTÓRIA DO ACARAJÉ

Há pelo menos três séculos as baianas do acarajé trabalham em suas receitas, que foram trazidas da África durante o período colonial. Foram as chamadas escravas de ganho, cuja função era ir para rua e trabalhar para as patroas, vendendo mercadorias em tabuleiros, que iniciaram a prática. Elas vendiam de tudo, de mingaus a peixes fritos, de acarajés a bolos e quitutes como a cocada.

Embora tivessem que repassar uma grande parte do lucro para suas proprietárias, as escravas de ganho podiam ficar com um pouco do que recebiam. E foi assim que muitas delas sustentaram suas famílias - e houve até casos de mulheres que conseguiram comprar a própria liberdade. Não é à toa que a Rita Santos diz que a baiana do acarajé foi primeira mulher empreendedora do Brasil.

Foi do lucro do tabuleiro das baianas que veio também o dinheiro para criar as irmandades religiosas e financiar os terreiros de candomblé, mais um argumento para a importância religiosa do acarajé. Para as religiões de matriz africana, Iansã, deusa dos ventos e das tempestades, buscou Ifá, um oráculo, para fazer um alimento para seu marido, Xangô, o orixá da justiça, dos raios, do trovão e do fogo. A orientação do oráculo foi que, após comer, Xangô deveria falar para seu povo. Quando ele fez isso, labaredas de fogo começaram a sair de sua boca, o mesmo acontecendo com Iansã.

Tudo no acarajé e nas baianas está repleto de simbolismo, do preparo da receita às roupas das cozinheiras. Quando preparado para Iansã, na forma de oferenda mesmo, o acarajé é sempre frito e sem complementos.

O ofício das baianas continuou após o fim da escravidão e entrou de uma vez por todas no imaginário popular ao longo do século 20. Em 1939, Dorival Caymmi e Carmen Miranda perguntaram o que é que a baiana tem, enquanto Ari Barroso lembrou que "no tabuleiro da baiana tem vatapá, caruru, mungunzá e umbu".

Já no século 21, o ofício das baianas do acarajé foi inscrito como patrimônio imaterial da Bahia e patrimônio cultural brasileiro. A importância do prato é tão grande que a FIFA, durante as Copas das Confederações e do Mundo, cedeu a uma forte pressão, e permitiu que as baianas estivessem dentro da Arena Fonte Nova, vendendo seus acarajés, exatamente como faziam há décadas. E pode ser que voos mais altos surjam por aí: há quem defenda que o acarajé seja declarado patrimônio mundial da humanidade, numa petição que seria feita em conjunto por Brasil e Nigéria, onde uma versão do prato é café da manhã de muitos.

Nesse meio tempo, uma coisa não mudou - o prato continua ligado à fé, mesmo que não seja mais exclusividade das baianas do acarajé.



Rafael Sette Câmara

Jornalista, blog
www.360meridianos.com

ACARAJÉ DE LIQUIDIFICADOR DA BELA GIL

Ingredientes

- 2 xícaras de feijão fradinho descascado
- 1 cebola
- 1 pitada de sal
- Azeite de dendê para fritar

Modo de fazer

Deixe o feijão fradinho de molho de um dia para o outro. Descasque, escorra e coloque no liquidificador (ou processador) com a cebola e o sal. Passe para uma tigela e bata bem, para aerar a massa, até ela dobrar de tamanho. Aqueça bem o azeite de dendê (com uma cebola dentro, isso evita que o azeite queime). Coloque colheradas da massa para fritar no azeite, tendo o cuidado para não virar antes que o bolinho esteja dourado de um lado. Vire, frite do outro lado e está pronto o acarajé, bem crocante e com aquele gostinho que só a Bahia tem!

Obs.: Para rechear, vatapá, caruru, tomate picadinho, coentro, camarão...



Estudantes e a equipe da Escola Classe Sonhém de Cima após término da limpeza

Fotos: Deva Garcia

Sonhém de Cima integra projetos e alinha Educação Ambiental aos saberes do campo

32

Com respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, religiosos e econômicos, como determina a Portaria nº 419 de 2018 que trata do direito à Educação do Campo, o trabalho em equipe das educadoras e educadores da Escola Classe Sonhém de Cima, da Coordenação Regional de Ensino de Sobradinho, tem gerado resultados positivos.

A escola do campo, localizada no Assentamento Contagem, na Fercal, recebe todos os dias cerca de 180 educandos que, graças a integração de dois projetos pedagógicos, reforçam o aprendizado dos conteúdos curriculares (Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História, Ciências, Artes) em consonância com os princípios da Educação Ambiental e com as matrizes formativas da Educação do Campo (Terra, Luta Social, Trabalho, Cultura, Opressão, entre outras) presentes no território camponês.

O primeiro projeto denominado A contagem do Contagem, tem a participação coletiva e dialógica de todos os educadores da escola com a mediação da gestora Maria

Os estudantes recolheram o lixo da propriedade de uma das moradoras do Assentamento Contagem



do Socorro Ritter e os educadores Sérgio Luiz Teixeira e Aluizio Augusto Carvalho. Trata-se de uma iniciativa que busca aproximar e agregar conhecimentos curriculares aos saberes e fazeres da população camponesa.

Por meio da proposta, os estudantes contribuem na produção do inventário social, histórico, cultural e ambiental do Assentamento Contagem, intitulado Escola Classe Sonhém de Cima: os saberes e os fazeres do campo com prosas e rimas. Este trabalho educativo consiste em uma ampla pesquisa etnográfica sobre os conhecimentos dos primeiros moradores, dos posseiros (pessoa que detém a posse da terra) e dos Sem Terra. Além disso, busca reiterar a importância da Reforma Agrária.

Pegando o gancho da Educação Ambiental, os alunos participam do Projeto As mãos da Sonhém Cuidando do Nosso Bem, onde os educandos visitam as famílias do assentamento, contam histórias, cuidam, limpam e preservam diversos espaços da comunidade como, por exemplo, a nascente da Bacia do Rio Maranhão, que abrange o limite das redondezas onde o assentamento está localizado. Na última ação, o Coletivo Girassol, composto por turmas do 5º ano, visitou uma das moradoras do Contagem, que devido problemas de saúde, encontra-se acamada. Lá, os estudantes recolheram todo lixo da propriedade e finalizaram o dia de trabalho coletivo e solidário com a encenação teatral do conto Cinderela.

“Nosso projeto está alicerçado em quatro eixos: terra, direitos humanos, trabalho e alimento. Além de valorizar a população do campo e desconstruir a imagem pejorativa dos Sem Terra criada pela mídia, nosso objetivo é também despertar nesses educandos o sentimento de conscientização em prol da classe trabalhadora camponesa. Aqui, eles entendem que é possível morar e trabalhar no campo, preservar o meio ambiente e ainda e produzir alimentação saudável, sem agrotóxicos”, conclui o professor Sérgio Luiz Teixeira.

E a prova de que o projeto de fato tem colhido 33

bons frutos pode ser vista no depoimento dos estudantes, que sentem orgulho de suas raízes e em fazer parte de uma escola do campo. Kayky Lima Brito, 10 anos, estudante do 5º ano, conta emocionado um pouco da história de sua família. “Tenho orgulho em ser parente de pessoas que tiveram tanta luta. Sempre escuto as histórias que meus tios, meu pai e, principalmente, minha avó, Luzia Rodrigues de Souza, contam sobre a difícil luta junto ao Incra para garantir nossa terra. Com muito aperseio conseguimos uma boa chácara, perto do rio. Nós plantamos mandioca, banana, quiabo e produzimos farinha. E é com a venda desses produtos na feira que garantimos nosso sustento”, explica.

Já a aluna Kevelen Pereira de Moura Silva, 11 anos, também estudante do 5º, explica que seu avô materno fez parte dos posseiros e sua avó paterna era uma das acampadas, e foi graças a luta dos dois que a conquista da terra foi garantida. “Meu pai e minha avó que cuidam da nossa chácara. Plantamos banana e abóbora e a irrigação vem do rio que passa no fundo da casa. Além disso, criamos vacas, porcos e galinhas. Eu tenho muito orgulho da minha história, e saber que nada do que temos hoje foi de graça, tudo foi fruto de muita luta dos meus familiares para que a gente pudesse ter nosso cantinho é motivo de muito orgulho para mim. As pessoas precisam reconhecer mais o nosso trabalho e a nossa luta”, concluiu.



O MITO DA MANDIOCA

José Gil Barbosa Terceiro

Conta um mito do povo tupi, difundido por toda a América do Sul, que muitos anos atrás uma bela índia tupi deu à luz uma indiazinha de pele clara e cabelos loiros, a quem a tribo passou a chamar de Mani.

Mani foi crescendo e ganhando a simpatia de todos que tinham a oportunidade de conviver com ela, não só por suas características incomuns, mas também por ser uma criança muito esperta e portadora de uma felicidade contagiante, estando sempre a sorrir.

Um dia, a menina amanheceu adoentada e não tinha quem conseguisse fazê-la se levantar da rede. O pajé celebrou rituais de cura e ministrou poções à base de ervas medicinais, mas foi tudo em vão. A menina não resistiu e acabou morrendo.

Como era costume de seu povo, Mani foi sepultada dentro da oca em que vivia. Toda a tribo compareceu ao enterro, e a lágrima do povo tupi inundou o solo da oca. Passados alguns dias, no lugar em que enterraram a menina, nasceu uma planta até então

desconhecida. Os índios resolveram cavar para ver que planta era aquela, tiraram-na da terra e ao examinar sua raiz viram que era marrom por fora e branquinha por dentro.

Os índios perceberam que a planta poderia ser usada como base de muitos alimentos: sua própria raiz era comestível e com ela fabricaram farinha e cauim, uma bebida de gosto forte. Até mesmo as folhas tinham sua serventia. Perceberam, assim, que a planta que fornecia alegria e abundância para os índios era um presente dos deuses.

A planta passou a ser chamada de mandioca (Mani + oca – casa de índio), por ter surgido dentro da oca, no lugar em que Mani foi sepultada. Até hoje, a mandioca é utilizada para inúmeros fins, em especial no Nordeste, onde acontecem as tradicionais farinhadas, em que se produzem farinha, tapioca e outros derivados.



José Gil Barbosa Terceiro

Advogado. Folclorista. Gestor do site Causos Assustadores do Piauí, citando como fonte NOLÊTO, Rafael. Mitologia Piaçá: Deuses, Encantados, Espíritos e outros Seres Lendários do Piauí. Teresina: Clube de Autores, 2019.



***“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas.
Pessoas transformam o mundo.”***

**Paulo Freire
Patrono da Educação Brasileira**



**LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA**

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



O REI NU

Lúcio Flávio Pinto

Em 1972, o mundo se reuniu pela primeira vez em conjunto para discutir sobre a relação entre o desenvolvimento e o meio ambiente. O local da conferência não poderia ser mais indicado do que Estocolmo, a capital da Suécia, padrão da qualidade de vida no planeta. Um dos temas centrais era a Amazônia, de volta ao epicentro do interesse internacional.

Essa atenção tinha uma forte motivação simbólica. A humanidade conquistava novas fronteiras no universo, com as viagens à Lua. Na Terra, começava a ocupação de uma das maiores fronteiras territoriais, com o avanço de grandes estradas sobre o domínio da população nativa e da maior floresta tropical do globo.

Ufanista e orgulhoso do crescimento do Produto Interno do Brasil ao redor dos 10% ao ano, semelhante ao desempenho do “milagre japonês”, o governo militar, no auge da ditadura, sustentava na sua abundante propaganda nacionalista que os astronautas, lá do alto, só divisariam duas obras humanas: a grande muralha chinesa e a Transamazônica, com extensão superior a três mil quilômetros, uma linha vermelha cercada pelo mais denso verde que havia.

Para uma parcela da sociedade, era um choque. Afinal, a floresta amazônica funcionava como o pulmão do mundo, liberando oxigênio para todos os terráqueos absorverem. Não podia ser destruída. Com sua inigualável diversidade de vida, também era uma fonte de informações sem igual sobre a vida na Terra. O governo brasileiro não poderia dispor sobre esse patrimônio da humanidade ao seu bel prazer. Tinha que aceitar a cooperação mundial.

O chefe da delegação brasileira, o general (da reserva do Exército) Costa Cavalcanti, fez o contracanto imediato. O Brasil tinha o direito e a legitimidade suficientes para continuar a promover a ocupação nacional da sua última grande reserva de recursos naturais, ao seu modo, acelerado e intenso, integrando-a à unidade nacional para não entregá-la aos estrangeiros rapaces, sempre cobiçosos em relação a um “es-

paço vazio” (apesar de tanta floresta e da presença humana milenar) equivalente ao espaço denso de atividades da Europa Ocidental.

Afinal, estava adotando “medidas destinadas a aumentar a participação das populações no processo de desenvolvimento através da redução das desigualdades sociais e econômicas e da manutenção de taxas aceleradas de crescimento. Tais objetivos podem ser alcançados mediante o uso racional dos recursos do meio ambiente, propiciando-se às nações menos adiantadas a possibilidade do aproveitamento, industrialização e comercialização de suas matérias primas e seus produtos, e proporcionando-se aos seus cidadãos a oportunidade de usufruir dos modernos recursos da ciência e da tecnologia”.

Durante a apresentação do seu relatório à conferência, o general, que se tornou político na onda da revolução dos tenentes, que ocuparam o poder depois da revolução de 1930, sempre combatendo o populismo derivado da visão de Getúlio Vargas, expressou o seu reconhecimento “pela orientação e apoio que recebi de Sua Excelência, o Senhor Presidente da República, assim como do Senhor Ministro das Relações Exteriores e do Senhor Secretário Geral do Conselho de Segurança Nacional”.



Imagem: reprodução

A referência ao dirigente executivo do CSN poderia parecer estranha num encontro que deveria ser técnico e científico, independente de ideologias e políticas. Mas ele estava sendo sincero e realista na referência. O CSN era tanto a fonte dos processos de cassação dos corruptos e subversivos, considerados inimigos perigosos do regime militar, como da filosofia que orientava a corrida à Amazônia.

O próprio Costa Cavalcanti era uma figura híbrida de militar e político, com uma formulação autoritária e conservadora. Subordinada a ele estava a Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia). Seus incentivos fiscais poderiam significar a subscrição estatal de até 75% do capital necessário aos projetos agropecuários da iniciativa privada, permitindo-lhe poupar capital próprio, numa esquizofrênica forma de capitalismo de muletas, destinada a promover processos irracionais e caos, tudo em nome da miope soberania nacional, guiada pela geopolítica obtusa.

Promovendo a implantação de centenas de fazendas, no frágil e pobre solo das terras altas amazônicas, a Sudam era a força motriz do estímulo ao ingresso dos novos bandeirantes, em sua

maioria novamente originários de São Paulo, que estavam botando abaixo a vegetação nativa para em seu lugar formar pastagem para o minguido rebanho bovino, de baixa qualidade fitossanitária e baixo valor comercial.

A ocupação pela pata do boi destruiu os vales do Araguaia-Tocantins, está destruindo o Xingu-Tapajós e agora se expande pelo Madeira. A devastação está acabando com as características amazônicas de Rondônia, hoje mais para o sertão do centro-oeste do que para a floresta úmida amazônica, e colocou o antes intocado Amazonas no topo do ranking do desmatamento e das queimadas deste ano. O ataque à natureza complementado por violência, conflitos, desigualdades e pobreza.

Quatro anos depois da conferência de Estocolmo, Paulo Nogueira Neto, que criou o primeiro órgão especializado em ecologia da administração federal, a Sema (Secretaria Especial do Meio Ambiente), e o dirigiu pelos anos iniciais, registrou no seu diário, em setembro de 1976, um pronunciamento feito na ONU pelo então ministro do Exterior, Azeredo da Silveira: "Ele afirmou que os países desenvolvidos usam os problemas ambientais para manter os países em desenvolvimento numa situação de dependência". Nogueira anotou a respeito: "Parece que não existiu a Conferência de Estocolmo em 1972!", com o acento de exclamação a traduzir a sua perplexidade.

A mesma, ampliada e agravada, que fica do pronunciamento que o presidente Jair Bolsonaro fez na mesma Organização das Nações Unidas. Mais à direita do que Costa Cavalcanti, quase meio século atrás, mais intolerante e irracional do que no auge da ditadura "desenvolvimentista", o toque de absurdo no discurso do ex-capitão é a sua recusa em estabelecer a controvérsia sobre uma base factual. Já nem se fale em ciência, que ele ignora ou maltrata (a Amazônia tem míseros 2% do orçamento nacional de ciência e tecnologia), mas no elementar empirismo, de alguma maneira capaz de expressar a realidade.

A Amazônia que Bolsonaro apresentou na ONU não existe mais. Existia em 1972, quando o desmatamento era de menos de 1% da sua superfície. Com a multiplicação 15 ou 20 vezes desde então, a descrição do presidente é um escárnio. Como no conto de Andersen, é a roupa do rei nu. Como na lenda, só ele não vê a sua nudez vergonhosa.



Lúcio Flávio Pinto

é jornalista desde 1966. Editor do Jornal Pessoal, publicação alternativa que circula em Belém (PA) desde 1987. Autor de mais de 20 livros sobre a Amazônia, entre eles, Guerra Amazônica, Jornalismo na linha de tiro e Contra o Poder. Lúcio Flávio é o único jornalista brasileiro eleito entre os 100 heróis da liberdade de imprensa, pela organização internacional Repórteres Sem Fronteiras em 2014. Acesse o novo site do jornalista aqui www.lucioflaviopinto.com.



IMORTAL

— Maria Félix Fontele

Não sei o que seria
Se eu fosse imortal
Teria lida leve
Ora leve, ora pesada?

Imagino viver mil anos
Com esse corpo e essa mente
De velhas e novas batalhas
Castigadas pelo tempo!

Bom mesmo é ter vida longa
Mas que um dia tenha fim
Até virar pó, brisa e silêncio
E renascer das próprias cinzas!

Maria Félix Fontele

– Jornalista. Escritora. Do livro “Versos que me habitam”.
Confraria do Vento Editora.





OUTUBRO ROSA

(Realidade Criminosa)

Marcelo Abreu

Médicos avisam: a mamografia é o mais eficaz exame para detectar o câncer de mama, na fase inicial. Fiz muita matéria sobre isso. Só há um porém: na rede pública, o aparelho está sempre quebrado. Quase sempre. Rotina.

É sempre o mesmo enredo. A mulher descobre um caroço no seio. Corre pra uma consulta na rede pública. Mas, ao chegar, a consulta dela será, com sorte, em três ou quatro meses.

Aí, depois desse tempo todo, o primeiro contato com o médico (mastologista). Ela sente que o caroço já aumentou. Ele também percebe que a coisa não tá boa. Ao ser consultada, a indicação do médico é a mamografia. O aparelho está com defeito. *Via crucis*.

Ela, pobre, não pode pagar uma clínica particular para realizar o exame. Espera o tal aparelho ser consertado, depois aguarda a vez numa fila sempre quilométrica. E reza para que o tal aparelho, o único, não quebre de novo, enquanto espera na fila. Em um ano, o caroço, que era tão pequeno, tão mínimo, lá no começo, agora se espalhou pelo corpo todo. Metástase.

As mulheres neste país, especialmente as mais pobres, morrem de câncer de mama pelo descaso das autoridades, pelos desmandos, pela corrupção generalizada, pela roubalheira sem limites. E isso é histórico. Realidade de TODOS os governos. De A a Z. O resto é propaganda bonita, que JAMAIS corresponderá à realidade. Essa é a única realidade. E é triste. É devastadora. É CRIMINOSA.



Marcelo Abreu –
Jornalista



Para não “bobear”

Clarice Lispector

Quando você era criança nunca leu a história de uma princesa linda, linda, mas – por maldição de fada ruim – que não abria a boca sem que desta lhe saíssem sapos, lagartos e ratinhos?

Pois o modo moderno de saírem “cobras e lagartos” da boca linda de uma jovem é o de dizer muita bobagem com os lábios perfeitamente maquiados. Só que isso não acontece por maldição de fada ruim, e sim por ignorância, por falta de instrução. Uma dessas “princesas” modernas, ouvindo uma conversa sobre Hemingway, perguntou: “Qual o último filme em que ele trabalhou?”

Ler é um hábito que todo mundo devia ter. Não se quer dizer com isso que todos leiam “coisas difíceis”. Mesmo uma revista bem informada – e bem lida – pode ser uma fonte de culturazinha que pelo menos evita “cobras e lagartos”.



Clarice Lispector (in memoriam)
em “Só para Mulheres”.
Organização Aparecida Maria
Nunes. Editora Rocco, 2006.





Foto: Suell Santos

SERRA DA SAUDADE: A MENOR cidade DO BRASIL

— Eduardo Pereira

Distante cerca de 270 quilômetros de Belo Horizonte, com apenas 786 habitantes, Serra da Saudade, localizada na região centro-oeste de Minas Gerais, é, segundo dados do IBGE, a menor cidade do Brasil. Depois dela vem Borá, no estado de São Paulo, com 836 habitantes, e Araguainha, no Mato Grosso, com 956 almas viventes.

A menor cidade do Brasil é um dos oito municípios pertencentes ao circuito conhecido como “Caminhos do Indaiá”, em referência ao Rio Indaiá, que corta a região. Existem, em Serra da Saudade, muitos atrativos turísticos, alguns deles tombados pelo patrimônio histórico.

Um deles é Barra do Funchal, onde bifurcam os rios Funchal e Indaiá. Em alguns trechos do rio é possível fazer canoagem e outros esportes aquáticos, além de pescaria. Outro local tombado pelo patrimônio histórico para visitação é a antiga ponte por onde trafegavam os viajantes que iam trabalhar na constru o de Brasília, na década de 1960.

Construídos para abrigar a antiga ferrovia, os túneis desativados encontram-se muito bem conservados, segundo a Prefeitura, principalmente pelo material com que foram construídos, e são verdadeiros monumentos em meio a uma vegeta o de cerrado. Não há sinais de degrada o ou vandalismo, e isso chama a aten o.

Para quem gosta de fazer trilhas, caminhadas e cavalgadas, ou enduro equestre, há várias estradas e lugares para respirar ar fresco e se exercitar. Também há cachoeiras, vales, mirantes e nascentes, como a “Nascente da Balofa”, outro atrativo na cidade.



Eduardo Pereira

Sociólogo, com informa es da Prefeitura Municipal de Serra da Saudade e de matérias publicadas na imprensa nacional.

 @weiss_guru



URIHIA: A TERRA-FLORESTA YANOMAMI

Davi Kopenawa



Foto: Rogério Assis/ISA

Os brancos pensam que a floresta foi posta sobre o solo sem qualquer razão de ser, como se estivesse morta. Isso não é verdade. Ela só é silenciosa porque os *xapirepê* [espíritos auxiliares dos xamãs] detêm os entes maléficos e a raiva dos seres da tempestade. Se a floresta fosse morta, as árvores não teriam folhas brilhantes.

Tampouco se veria água na terra. As árvores da floresta são belas porque estão vivas, só morrem quando são cortadas e ressecam. É assim. Nossa floresta é viva, e se os brancos nos fizerem desaparecer para desmatá-la e morar em nosso lugar, ficarão pobres e acabarão sofrendo de fome e sede.

As folhas e as flores das árvores caem e se acumulam no chão. É o que dá cheiro e fertilidade à floresta. Esse perfume desaparece quando a terra se torna seca

demais, e os riachos se retraem nas suas profundezas. É o que acontece quando se cortam e se queimam as grandes árvores, como as castanheiras, as sumaúmas e os jatobás. São elas que atraem a chuva. Só tem água na terra quando a floresta está com boa saúde.

Quando ela está nua, desprotegida, *Mot'okari*, o ente solar, queima os igarapés e os rios. Ele o seca com sua língua de fogo e engole seus peixes. E quando seus pés se aproximam do chão da floresta, ele endurece e fica ardendo. Nada mais pode brotar nele. Não tem mais raízes e sementes na umidade do solo.

As águas fogem para muito longe. Então, o vento que as seguia e nos refrescava como um abano se esconde também. Um calor escaldante paira em todos os lugares. As folhas e flores que ainda estão no chão ressecam e encolhem. Todas as minhocas da terra morrem. O perfume da



floresta queima e desaparece. Nada mais cresce. A fertilidade da floresta vai para outras terras.

A terra da floresta possui um sopro vital, *wixia*, que é muito longo. O dos seres humanos é muito menor, vivemos e morremos depressa. Se não a desmatarmos, a floresta não morrerá. Ela não se decompõe. É graças a seu sopro úmido que as plantas crescem. Quando estamos muito doentes, em estado de espectro, ele também ajuda na nossa cura.

Vocês não veem, mas a floresta respira. Olhem pra ela: suas árvores estão bem vivas e suas folhas brilham. Se ela não tivesse sopro, as árvores estariam secas. Esse sopro vem do fundo da terra, lá onde repousa seu frescor. Ele também está em suas águas.

É assim. A floresta está viva. Não a ouvimos quando ela se queixa, mas ela sofre, como os humanos. Ela sente dor quando está queimada e geme quando suas árvores caem. É por isso que não queremos deixar que ela seja desmatada. Queremos que nossos filhos e netos possam crescer achando nela seus alimentos.

Nossos antepassados foram cuidadosos com a floresta, por isso ela está em boa saúde. Desmatamos muito pouco para abrir nossas roças. Plantamos bananeiras, mandioca, cana-de-açúcar, inhame e taioba. Depois, deixamos a floresta crescer de novo.

As roças antigas são logo tomadas por uma vegetação emaranhada, e as árvores brotam novamente. Quando se planta no mesmo lugar, nada cresce direito. A terra perde seu cheiro de floresta, fica ressecada demais. Assim, as plantas ficam quentes e não se desenvolvem. Por isso, nossos antigos se deslocavam na floresta, de uma roça pra outra, quando suas plantações enfraqueciam e a caça diminuía perto de suas casas.

A floresta não está morta, como pensam os brancos. Mas se eles a destruírem, ela morrerá, com certeza. Seu sopro vital fugirá para longe. A terra se tornará árida e só haverá poeira. As águas desaparecerão. As árvores ficarão secas. As pedras da montanha irão se aquecer e se partir.

Quando o sopro da imagem da terra está presente, a floresta é bela, a chuva cai e o

vento sopra. Ela vive com os *xapirepê*. Foram criados juntos. É assim. A floresta não é bela por acaso. Mas os brancos parecem pensar que é. Eles se enganam.

O que vocês chamam "natureza" é, na nossa língua, *urihi a*, a terra-floresta e sua imagem *utupê* vista pelos xamãs: *urihinari a*. É porque existe essa imagem que as árvores são vivas. O que chamamos de *urihinari a* é o espírito da floresta, das suas árvores: *huu tihiripê*, das suas folhas: *yaa hamaripê*, e dos seus cipós: *t'ot' oxiripê*. Esses espíritos são muito numerosos e brincam no seu chão.

Nós os chamamos também *urihi a*, "natureza" da mesma maneira que os espíritos animais *yaroripê* e mesmo os das abelhas, das tartarugas e dos caracóis. O poder da fertilidade da floresta, *nê rope a*, também é "natureza" para nós: ele foi criado com a floresta, é sua riqueza.

Os *xapirepê* possuem a "natureza", o vento e a chuva. Quando os filhos e as sobrinhas dos entes brincam na floresta, a brisa circula e não faz calor. Quando os seres da chuva descem sobre as colinas e as montanhas da floresta, a chuva cai. A terra se refresca e as doenças vão embora. É assim. Se os *xapirepê* ficam no peito do céu e não são chamados pelos xamãs, a floresta se aquece. As epidemias e os seres maléficos se aproximam. Os humanos, então, não param de ficar doentes.

Os *xapirepê* se movem sem parar dentro da floresta. Ela pertence a eles e isso os deixa felizes. Os filhos e as filhas dos espíritos das águas *yawarioma* *pê* brincam ali sem parar. Os brancos não sabem nada disso. Eles pensam que a floresta é bela, fresca e ventilada sem nenhum motivo.

Para nós, a "natureza" é *urihi a*, a terra-floresta, é também os espíritos *xapirepê* que nos foram dados por *Omama* [o criador]. A floresta não existe sem razão. Os *xapirepê* vivem nela e *Omama* quis que protegêssemos suas moradas.



Davi Kopenawa

– Liderança Indígena. Xamã Yanomami. Depoimento recolhido, traduzido da língua yanomami e editado por Bruce Albert, publicado no livro "Urihia a: A terra-floresta Yanomami" – Bruce Albert e William Milliken. ISA, 2009.



SOCORRO!

GOVERNO DE GOIÁS QUER ACABAR COM A CARREIRA DOS/AS PROFESSORES/AS!

Bia de Lima

Direitos garantidos por lei seguem sem pagamento, e Governo propõe o achatamento da carreira



Fotos: Acervo Sintego

Profissionais da Rede Estadual de Educação de Goiás, independente do vínculo, tanto professores/as como administrativos/as, sejam efetivos/as ou contratos temporários, aposentados/as, todos/as, sem exceção, têm sofrido com a atual administração do Estado, que não respeita a categoria.

O SINTEGO, em sua luta incansável, tem recorrido a todas as instâncias e possibilidades, como o Ministério Público do Estado de Goiás (MPGO) e Ministério Público Federal (MPF), para que os órgãos cobrem medidas a respeito do cumprimento de Leis Federais, como a Lei do Piso Salarial, já que estamos no mês de outubro e até o momento não houve o pagamento do reajuste, que deveria ter sido pago em janeiro, bem como a Data-Base, que deveria ter sido paga em maio.

Entre os absurdos cometidos pelo governo Caiado, no mês passado, foi aprovada na Assembleia Legislativa de Goiás a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 990/19, que altera a aplicação dos recursos da Educação no Estado. A PEC reduz a vinculação da Educação de 27% para 25%, incluindo os 2% da Universidade Estadual de Goiás (UEG) nos 25% da Educação Básica, diminuindo a vinculação orçamentária constitucional.

Não resta dúvida que a UEG é uma instituição importantíssima para o Estado; no entanto, ela precisa de recursos próprios e suficientes, que não interfiram nos recursos da Educação Básica, da forma como foi feito. Consideramos um grande prejuízo para Goiás a maneira como fez o governo, não a UEG, os/as trabalhadores/as que lá estão, assim como não respeita o pagamento do Piso, da Data-Base e das progressões, benefício que mais de mil trabalhadores/as aguardam para conseguir a tão sonhada aposentadoria. Isso é maldade!

A única proposta feita pelo governador Ronaldo Caiado foi a de pagar o reajuste Piso Salarial somente àqueles que ainda recebem valores abaixo dele - R\$ 2.557,74, sem reajuste para os/as demais profissionais, achatando a carreira e sem progressão de nível. Uma falta de respeito, além da falta de incentivo e estímulo para a formação e qualificação dos/as professores/as, clara demonstração de desvalorização da Educação!

A administração estadual, amparada por todos os poderes do Estado, insiste em dizer que não tem condições de pagar o que é direito dos/as profissionais da Educação. No entanto, o Supremo Tribunal Federal (STF) suspendeu o efeito da Emenda Constitucional 54, que cria o teto de gastos em Goiás. Com isso, o impeditivo legal para que a categoria da Educação não receba as progressões foi derrubado, tornando a decisão exclusiva do Estado.

A argumentação do Governo com os/as profissionais da Educação nesse aspecto é cruel, já que é de conhecimento de todos/as que os recursos da Educação não são aplicados da forma que deveriam, sendo desviados para outras demandas. Administrações anteriores tiveram as contas rejeitadas pois não aplicaram corretamente os recursos da Educação Básica, só em 2018 foram R\$ 900 milhões específicos para a pasta que deixaram de ser investidos.

Mais do que nunca, a Educação Básica de Goiás precisa que os recursos vinculados para a mesma sejam destinados para a pasta devida, para que seja possível a distribuição da verba por quem conhece e vivencia a Educação, de forma justa, a valorizar o/a profissional que se dedica à causa. Os/as profissionais da Educação não merecem esse massacre! Não ficaremos calados/as diante da truculência do atual governo!

*A Educação de Goiás pede
SOCORRO! Vamos à Luta!*



Bia de Lima
Educatora. Presidenta do Sintego.





AMAZÔNIA:

BEM COMUM DA TERRA E DA HUMANIDADE

Leonardo Boff

A Amazônia é um bem comum da Terra e da humanidade. O Brasil pode ter a administração, que é muito ruim. Mas ele não é dono. O Emmanuel Macron, presidente da França, foi o único que entendeu isso.

A Amazônia é um bioma muito rico e, ao mesmo tempo, extremamente frágil. A vegetação não sobrevive do que retira do chão, mas do entrelaçamento entre as raízes das plantas, dos nutrientes presentes nas fezes dos animais, da umidade que cai das folhas, já que o solo ali, de 30 a 40 centímetros para baixo, é pura areia. Se a gente não cuida, a região pode virar uma espécie de Saara.

Devastar a maior floresta tropical do mundo significa acabar com uma imensa reserva de água doce e com um importante filtro do equilíbrio climático global, que garante as chuvas numa área que vai desde o Centro-Oeste brasileiro ao norte da Argentina. Isso, para citar o mínimo. Então não estamos falando de uma tragédia localizada, que afetaria apenas o mundo periférico, mas toda a civilização.

Entramos numa fase planetária, que exige uma governança mais global, capaz de resolver problemas relacionados à água, ao calor, a tudo que sustenta a vida. A Amazônia, portanto, não é um problema brasileiro, mas do mundo todo.



Leonardo Boff

Escritor. Teólogo. Filósofo. Autor de "Ética e espiritualidade: como cuidar da casa comum". Excerto de entrevista à jornalista Cecília Emiliana/www.uai.com.br.



LOJA XAPURI 100% SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.



DOLORES IBÁRRURI – LA PASIONARIA: PARA VIVER DE JOELHOS, É MELHOR MORRER DE PÉ!

Iêda Vilas Bôas

Isidora Dolores Ibárruri Gómez, conhecida como La Pasionaria foi uma valente e destemida mulher espanhola, uma política e líder revolucionária comunista de origem basca. Nasceu em Gallarta, na província basca de Biscaia, em 09 de dezembro de 1895 e morreu em Madrid, em 12 de novembro de 1989.

Muito jovem, aos 21 anos de idade, em 1918, casou-se com Julián Ruiz, a contragosto de seus pais, que não aprovavam as ideias socialistas do futuro genro. Nesse mesmo ano, nasce sua primeira filha, Esther, que morre ainda bebê. Teve outros filhos: em 1920 nasce Rubén e em 1923 dá à luz a trigêmeas, das quais somente uma sobrevive, Amaya.

Talvez pelas atividades políticas, mas casamento chega ao fim. O fato de Júlian ter se tornado um pai ausente pesa bastante em sua decisão. Teve seis filhos, mas somente dois sobreviveram. Ruben

tornou-se piloto de combate na Rússia e tombou em combate. Dolores costumava andar sempre com roupas de cor preta, num luto permanente pela morte das pessoas queridas.

Através da escrita, Dolores difunde seus ideais. Era excelente escritora e oradora. Seus textos publicados nos panfletos e boletins do Partido influenciavam e incitavam grandes massas. Nesse ano de rupturas, perdas e recomeços ela escreve seu primeiro artigo assinando sob o pseudônimo de La Pasionaria (a “flor-da-paixão”, ou Passiflora incarnata), que a acompanharia a vida toda. Dolores era mesmo assim: apaixonada, sensível às dores dos sofridos, dos excluídos, dos oprimidos. Era toda ela repleta de amor à humanidade. Os operários chamavam-na de mulher abençoada.



Nesse tempo inicia sua militância comunista. Em 15 de abril de 1920 filia-se ao Partido Comunista Espanhol e, após, no seu sucessor, o Partido Comunista de Espanha, no qual ficaria por toda a sua vida, tendo passado a presidir o PCE a partir de 1960. Dolores tornou-se célebre por sua atuação durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939).

Escrevia e discursava instigando os republicanos contra as tropas do General Franco com o apelo: «*Para vivir de rodillas, ES mejor morir de pié!*» e «*No pasarán!*» - "Para viver de joelhos, é melhor morrer de pé!". É sua também a famosa frase: "Não passarão!". Também faziam parte de seu discurso: "*Más vale matar a cien inocentes que dejar escapar a un solo culpable*" e "*É melhor ser a viúva de um herói, que a mulher de um covarde!*".

Debalde sua luta, Franco vence, em 1939 e para não ser fuzilada como outros mártires e insurgentes, exilou-se na Rússia, antiga URSS. Regressa à Espanha em 1977, após a morte do General. Foram 38 anos de exílio, durante os quais, a revolucionária não descansou.

Prosseguiu firmemente em sua vida política e foi eleita deputada ao Congresso dos Deputados, a câmara baixa das Cortes, e permaneceu líder honorária do Partido Comunista de Espanha até a sua morte. Amada e admirada, La Pasionaria é reconhecida como heroína da República Espanhola.

A camarada Dolores denunciava em nome do Partido Comunista o oportunismo e a traição dos dirigentes socialdemocratas e anarquistas no movimento operário, mantendo bem alto os princípios do marxismo-leninismo sobre as classes e a luta de classes, sobre o caráter da revolução naquela etapa e sobre a aliança da classe operária com os camponeses. Ela trabalhava incansavelmente pela unidade da classe operária. Por sua luta e seu exemplo, La Pasionaria é símbolo da luta pela paz e independência nacional.

Sob seu comando, à frente do PCE, conclamava a classe operária, o povo espanhol, a deter os avanços do fascismo, lutando constantemente pela unidade operária e das forças antifascistas. Dolores foi detida e presa inúmeras vezes, ficando encarcerada durante 10 meses em Madri e, depois, transferida para Bilbao, onde recusou advogado e defendeu-se, brilhantemente, ela mesma.

Desde os primeiros anos de sua atividade política, Dolores realizou um esforço incansável para ajudar a organizar as mulheres trabalhadoras. Em 1933, a camarada Dolores Ibárruri criou os Grupos de Mulheres Antifascistas. Morreu no dia 12 de novembro de 1989, aos 94 anos. Não lhe faltaram homenagens. Entre a multidão escutou-se a voz chorosa de Julio Anguita (camarada do PCE):

"... Dizem, Dolores, que morreste! Que asneira! Vives em cada um dos que te amam, e são tantos! Comunista exemplar, és de todos: de todos que

levantam o punho, de todo o povo; tu ensinaste que o Partido não se organiza para si próprio, mas para todos os oprimidos. Que exemplo para mulheres e homens, mulher cheia de ternura e de firmeza. Fecha os olhos e sonha com o teu povo! Dorme, companheira Ibarrúri! Repousa, camarada Pasionaria."

Por sua vida e luta, salve La Pasionaria!

DISCURSO PRONUNCIADO NO MONUMENTAL CINEMA DE MADRID

Em 8 de Novembro de 1936

"Trabalhadores, camaradas:

Quando os obuses [arma de artilharia] do inimigo começam a derrubar as casas de nossa cidade; quando sobre o céu da capital da República voam aviões fascistas, metralhando mulheres e crianças indefesas, parece inacreditável vir prestigiar um ato dessa natureza.

E isso não é necessário para levantar seus espíritos, que bem agitados os tens através de dias de lutas inenarráveis, senão para afirmarmos que estamos aqui e que não nos fomos. Que estamos aqui junto a vocês, como sempre estivemos, e dispostos também a cumprir com o dever de agradecer, a partir da Madrid inconquistável, à União Soviética, ao país soviético, sua solidariedade para com nosso povo e sua defesa da República em Genebra.

Desde aquele país, nos diz o heróico povo soviético - que soube vencer não somente o inimigo interior, mas também o inimigo exterior - e as mulheres nos gritam: irmãos espanhóis, estamos com vocês! Graças a essa solidariedade nos sentimentos mais seguros; não nos sentimos sozinhos e podemos dizer ao inimigo que Não Passará! (...)

(...) O fato de que haja tantas mulheres nesse comício nos permite, sem temer nos equivocarmos, proclamar com orgulho que não se extinguiu a tradição heróica das mulheres espanholas que, em todos os momentos em que esteve ameaçada a integridade da pátria, estiveram junto a seus companheiros e com eles souberam lutar e morrer. E por isso nos sentimos profundamente orgulhosos e seguros da vitória. Porque uma causa que defendem as mulheres e as mães, apesar dos contratempos da luta, será sempre uma luta vitoriosa.

Desta mesma tribuna dissemos que tínhamos o necessário para começar a ofensiva. Depois, um dia dissemos: camaradas, temos que resistir aos embates do inimigo dois, três, quatro, oito dias, os que sejam necessários. Resistiram, resistem, e Madrid se fez inconquistável."



Iêda Vilas-Boas

Escritor. Teólogo. Filósofo. Autor de "Ética e espiritualidade: como cuidar da casa comum". Excerto de entrevista à jornalista Cecília Emiliana/www.uai.com.br.



Valorize o(a) Professor(a)

A educação é o instrumento mais poderoso para transformar vidas e os(as) professores(as) são os agentes dessa mudança. Parabéns a todos(as) os(as) professores(as) por promover uma educação séria, ética, comprometida, crítica, amorosa, que abre possibilidades de uma vida melhor.

UMA HOMENAGEM DA CNTE

15 DE OUTUBRO • DIA DO PROFESSOR

28 DE OUTUBRO • DIA DO FUNCIONÁRIO PÚBLICO



CNTE Confederação Nacional dos
Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br

Brasil

Filiada à
CUT
BRASIL

Internacional
da Educação

CEA

FNPE
Fórum Nacional Popular de Educação



**CAMPANHA XAPURI
ASSINATURA SOLIDÁRIA**

**ASSINE A XAPURI E GANHE,
AGORA, UMA LINDA CAMISETA
DA RESISTÊNCIA,
COM FRETE GRÁTIS PARA
QUALQUER LUGAR DO BRASIL.**

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.

VENI COM A GENTE!

**REVISTA
IMPRESSA**

ANUAL

R\$ **190**,00
12 EDIÇÕES

BIANUAL

R\$ **290**,00
24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ!

WWW.XAPURI.INFO/ASSINE